

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

O BILINGUISMO DE SURDOS MEDIADO POR DIÁLOGOS NO *ORKUT*

**CASCADEL - PR
2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

O BILINGUISMO DE SURDOS MEDIADO POR DIÁLOGOS NO *ORKUT*

**CASCADEL - PR
2010**

DAYSE GRASSI

O BILINGUISMO DE SURDOS MEDIADO POR DIÁLOGOS NO *ORKUT*

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem – Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria Ceres Pereira.

**CASCADEL – PR
2010**

O BILINGUISMO DE SURDOS MEDIADO POR DIÁLOGOS NO *ORKUT*

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 12 de março de 2010.

Prof(a). Dr(a). Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Coordenador(a)

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof(a). Dr(a) Sueli de Fátima Fernandes (UFPR)
Membro (convidado)

Prof(a). Dr(a). Clarice Nadir von Borstel (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Prof(a). Dr. Ciro Damke (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Prof(a). Dr(a) Maria Ceres Pereira (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 12 de março de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico a minha **Família** que sempre esteve me apoiando e dando força para vencer mais esta etapa de minha vida, auxiliando na realização deste grande sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por ter me oportunizado continuar a estudar, por ter me abençoado e dado discernimento. A todas as pessoas que colaboraram de um modo ou de outro, para a realização deste trabalho, em especial:

- Aos meus familiares pela paciência, apoio e amor dispensado.

- Ao meu namorado, por sempre me encorajar, apoiar e compreender.

- À minha orientadora, Professora Doutora Maria Ceres Pereira, pela aceitação de minha pesquisa, pela coragem, disponibilidade e orientações para juntamente comigo construir este trabalho, que como algo inovador foi um desafio. Agradeço todo o carinho e atenção dispensada. Com certeza minha orientadora foi minha mestra, a quem admiro muito.

- Aos colegas do mestrado, principalmente aos que se tornaram amigos, obrigada pela amizade, pela troca de experiências, pelo consolo nas horas difíceis, por dividir ansiedades e esforços.

- A todas as minhas colegas e amigas da UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Medianeira, pelo carinho, apoio e auxílio nesta etapa de minha vida.

- Aos professores do Programa de Mestrado, que nos auxiliaram, sugerindo materiais, buscando nos orientar para a pesquisa. Em especial: Professora Dra. Clarice Nadir von Borstel e Professor Dr. Ciro Damke.

- À Professora Doutora Karin Lilian Strobel, que prontamente auxiliou fornecendo materiais para esta pesquisa.

- Ao professor Dr. Wagner de Souza pelo incentivo e auxílio.

- Aos surdos que aceitaram participar desta pesquisa.

“A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdermos a chave, perderemos o povo. Se guardarmos a chave em lugar seguro como um tesouro abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta”.

Eva Engholm (1965)

RESUMO

GRASSI, Dayse. **O Bilinguismo de surdos mediado por diálogos no *Orkut***. 2010. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2010.

Orientador: Prof(a). Dr(a) Maria Ceres Pereira.
Defesa: 12/03/2010

Este estudo está resumidamente configurado de forma a apresentar uma pesquisa de cunho interpretativa, do tipo estudo de caso, propondo a análise do *Orkut* de sujeitos surdos. Através das “conversas digitais” os surdos atribuíram um novo significado para o aprendizado da língua portuguesa, passando a ser vista como necessária para dinamizar a comunicação com seus pares, encurtando distâncias e tempo. Assim, buscamos analisar na pesquisa, questões relacionadas à identidade surda, a cultura surda, a língua de sinais, a língua portuguesa escrita e o bilinguismo dos surdos. Os dados da pesquisa foram coletados no *Orkut* dos sujeitos surdos através do perfil de cada sujeito, das comunidades do *Orkut* das quais fazem parte e das postagens deixadas no *Orkut*. Desta forma, verificamos a quais comunidades do *Orkut* o sujeito faz parte, a questão do bilinguismo para os surdos e se os sujeitos se reconhecem como pessoas bilíngues e, por último, nas postagens/diálogos no *Orkut*, analisamos se a escrita dos sujeitos surdos em língua portuguesa tem alguma especificidade, se o português escrito por estes sujeitos se aproxima ou se distancia dos sujeitos ouvintes, se a escrita destes sujeitos apresenta-se em português ou “internetês” e o que isto significa para os surdos. Neste sentido, nos preocupamos em situar o leitor sobre a surdez e o sujeito surdo, evidenciando os surdos como um grupo minoritário, possuidores de uma cultura própria, que sustenta aspectos peculiares: uma história, experiências de vida, identidade, uma língua própria – a Libras, cuja substância ‘gestual’ gera uma modalidade espaço-visual, uma maneira peculiar de ver o mundo. Assim, os surdos encontram-se imersos num mesmo espaço físico que os ouvintes, compartilhando culturas que se mesclam, transitando por duas línguas - a língua de sinais e a língua portuguesa – construindo assim, uma forma peculiar de escrita, num contexto atípico de bilinguismo.

Palavras – chave: bilinguismo, *orkut*, surdos.

ABSTRACT

GRASSI, Dayse. **O Bilinguismo de surdos mediado por diálogos no *Orkut***. 2010. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2010.

Orientador: Prof(a). Dr(a) Maria Ceres Pereira.
Defesa: 12/03/2010

This study is briefly configured to present an interpretive nature survey, of the case study type, and it proposes *Orkut* analysis of deaf people. Through the "digital conversations" deaf people gave a new meaning to the Portuguese language learning, so as to be seen as necessary to promote communication with their friends, shortening distance and time. Thus, we analyze in this research, issues related to the deaf identity, deaf culture, signs language, the Portuguese writing and bilingualism of deaf people. The survey data were collected from deaf people through *Orkut* profile of each of them, the *Orkut* communities which include the posts left on *Orkut*. Thus, we checked the *Orkut* communities which the deaf person belongs, the issue of bilingualism for the deaf and if the deaf people see themselves as bilingual and, finally, in posts / dialogues in *Orkut*, we analyzed if the writing of deaf people in Portuguese has some specificity, the Portuguese written by these people is similar or different from the listeners, if the writing of these people is presented in Portuguese or "internet language" and what that means for deaf people. In this sense, we are concerned to place the reader on deafness and deaf people, showing the deaf people as a minority group, possessing a unique culture that sustains peculiar aspects: history, life experiences, identity, an own language – the "Libras", which substance 'sign' generates a spatial-visual modality, a peculiar way of seeing the world. Thus, the deaf people are immersed in the same physical space as the listeners, sharing mixed cultures, moving through two languages - the language of signs and the Portuguese language - thus building a peculiar form of writing, in a not typical context of bilingualism.

Keywords: bilingualism, *orkut*, deaf people.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - O BILINGUISMO	06
2.1 ESTUDOS SOBRE O BILINGUISMO	06
2.2 DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA AO BILINGUISMO PARA OS SUJEITOS SURDOS.....	10
2.3 O BILINGUISMO E SUA REPRESENTAÇÃO PARA A PESSOA SURDA	14
CAPÍTULO II - CULTURA E IDENTIDADE – O CASO DOS SUJEITOS SURDOS	25
3.1 OS SURDOS POSSUEM UMA CULTURA?.....	25
3.2 IDENTIDADE SURDA.....	33
CAPÍTULO III - LETRAMENTO DIGITAL – NOVAS POSSIBILIDADES PARA OS SURDOS	40
4.1 LETRAMENTO DIGITAL.....	40
4.2 <i>ORKUT</i> – UMA NOVA POSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO PARA OS SURDOS.....	44
4.3 SUJEITO SURDO BILÍNGUES ENTRE LIBRAS, O PORTUGUÊS E O “INTERNETÊS”	51
CAPÍTULO IV- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
1.1. CLASSIFICAÇÃO DO TIPO DE PESQUISA.....	61
1.2 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS	64
1.3 ANÁLISE DO CORPUS.....	66
CAPÍTULO V - O CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO: POSTAGENS NO <i>ORKUT</i> E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE(S)	107
ANEXOS	109

INTRODUÇÃO

A comunicação é a forma que interagimos com as pessoas e com o mundo e, os surdos, por utilizarem uma forma de comunicação peculiar, compreendida por poucos – a língua de sinais - tinham dificuldades em comunicarem, por exemplo, com pessoas residentes em lugares diferentes do seu, devido à distância. Com os avanços tecnológicos e a inclusão digital, essas distâncias encurtaram-se, através de “conversas digitais”, propiciando aos surdos possibilidades de dialogar com pessoas de qualquer parte do mundo de maneira prática, rápida e eficaz.

Até pouco tempo, a língua portuguesa, seu aprendizado e uso, não era atraente aos surdos. O surgimento de novas tecnologias como o *Orkut*, o *MSN*, *e-mail*, dentre outros, para a comunicação, ativou o interesse das pessoas surdas ao uso desses recursos e ao aprendizado da língua portuguesa, agora sobre um novo foco: através do interesse e da necessidade de dinamizar a comunicação com seus pares¹. A escrita saiu da sala de aula, deixando de ser algo artificial e sem sentido, transformando-se em algo interessante, natural, construída por vontade e interesses próprios.

Esta nova maneira de se comunicar refletiu positivamente na vida das pessoas surdas, pois viabilizou a comunicação entre surdos e/ou ouvintes, de maneira mais prática e eficaz, encurtando as distâncias e o tempo.

Sendo assim, a língua portuguesa escrita, tornou-se através de programas como *Orkut*, uma necessidade comunicativa para os surdos, passando a ter uma nova significação - a comunicação com os surdos e ouvintes se apresenta muito

¹ A palavra “pares” refere-se a outras pessoas surdas.

mais fácil através da *internet*, no entanto, para isso, é necessário o aprendizado da língua portuguesa escrita. As páginas da *web* possibilitaram o acesso às informações, ao relacionamento social, político, econômico e uma maior inclusão nas atividades comuns à sociedade.

Desta forma, esta pesquisa focalizou-se na questão do Bilinguismo de surdos no *Orkut*, um ambiente diferenciado das pesquisas etnográficas abordadas pela metodologia da pesquisa, pois o campo de interação desta pesquisa é virtual, sendo, portanto, um contexto inovador para as pesquisas. Assim, objetivou-se nesta pesquisa:

- Investigar, através de postagens no *Orkut*, questões relacionadas ao bilinguismo para surdos, verificando e analisando as comunidades do *Orkut*, as quais os sujeitos fazem parte.
- Analisar como os sujeitos surdos transitam e interagem com a língua portuguesa escrita, investigando a tipologia de escrita da comunidade surda em relação à língua portuguesa escrita e/ou aos “internetês²”.
- Verificar nos estudos referentes ao bilinguismo, como se dá o ensino da língua portuguesa para os surdos.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos na pesquisa, selecionamos os seguintes instrumentos para a coleta de dados: interação virtual no site do *Orkut*; coleta de textos narrativos (diálogos) postados no *Orkut*; coleta de dados significativos para a pesquisa no *Orkut* pessoal dos sujeitos; questionamento aos sujeitos surdos realizado através de postagem no *Orkut* sobre se considerar uma pessoa bilíngue e por quê?

² Neologismo empregado para designar a escrita informal na internet, diferenciada da língua portuguesa formal.

A interação virtual no site do *Orkut* se dá a partir de diálogos dos sujeitos surdos com o proponente da pesquisa. O campo de pesquisa abordado é muito interessante, pois surdos escrevem no *Orkut* por motivação própria, pela necessidade comunicativa, o que nos permite investigar realmente as características peculiares de sua escrita, comprovando se há influência da escrita dos “internetês” e se os surdos realmente incorporaram esta escrita como algo significativo. Finalizada a coleta dos dados através dos instrumentos citados, analisamos e confrontamos das informações, para assim, triangular os dados e interpretá-los significativamente de forma a responder aos objetivos propostos.

Buscamos embasar nossa pesquisa teoricamente, delineando no Capítulo I, a trajetória histórica da surdez, desde a filosofia Oralista, que segundo Goldelfd (1997) visa a integração da criança surda na comunidade de ouvintes somente através da língua oral, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral; até o Bilinguismo, abordado por Quadros (1997) tendo a língua de sinais como primeira língua dos surdos, partindo deste pressuposto para o ensino de uma segunda língua - a língua portuguesa, resgatando assim o direito da pessoa surda ser ensinada em sua língua, considerando os aspectos sociais e culturais que este sujeito está inserido.

Desta forma, estabelecemos a questão do bilinguismo de forma geral, abordado por autores como Grosjean (1982), Mello (1999), dentre outros, passando para o bilinguismo e sua representação para os surdos, abordado principalmente por Quadros (2008) considerando o contexto atípico em que esse bilinguismo acontece.

Quanto aos aspectos sociais e culturais em que os surdos estão inseridos, abordados no Capítulo II, discutimos se os surdos possuem uma cultura. Para

teorizar esse aspecto, nos fundamentamos principalmente nos estudos realizados por Strobel (2008) que trata sobre essa temática com muita propriedade.

Em relação à identidade surda, também no Capítulo II, faz-se uma análise se a mesma é construída através da interação com a comunidade surda, do encontro surdo/surdo. Para a discussão das questões relacionadas à identidade dos não ouvintes, nos ancoramos principalmente nos estudos de Perlin (1998) que apresenta as diferentes identidades surdas. Assim como as identidades ouvintes, segundo Skliar (1999) a identidade surda não supõe uma única e essencial identidade, mas uma identidade móvel, transformada continuamente.

No Capítulo III, buscamos discutir o significado de letramento a partir de idéias de autores como Bagno (2002), Lodi et al (2003), Kato (1987), Arcoverde (2006), Kleimam (1995), Fernandes (2006), dentre outros. Partimos desse pressuposto para assim, definirmos o letramento digital, baseado principalmente em Buzato (2001) e Arcoverde (2007). Verificamos que o letramento digital está ligado diretamente a prática do leitor com os programas dos computadores, quanto mais o leitor interage com estes, melhor será seu letramento eletrônico. Após tratarmos sobre essa questão, abordamos sobre o site *Orkut*, baseando-se em autores como Côrrea (2008), Foggetti (2008), Medeiros (2008), dentre outros. Relatamos sobre o funcionamento do *Orkut* e sua significação para a sociedade moderna e para os surdos. Analisamos então, o sujeito surdo enquanto bilíngue entre Libras, o Português e o “Internetês” e, para essa reflexão, apresentou-se os autores Fernandes (2006), Arcoverde (2003), Freire (2003), Foggetti (2008), Gazeta (2000). Sobre a escrita do sujeito surdo e suas especificidades, nos fundamentamos nos estudos de Fernandes (1999) que através da análise de diversos textos de pessoas surdas, sistematizou as principais características da escrita dos surdos. Na

sequência, apresentamos exemplos da escrita dos “internetês”, bem como, os recursos visuais chamados de *emoticons*.

Embasados no referencial teórico abordado e discutido, buscamos analisar, no Capítulo V, as postagens dos sujeitos surdos, a fim de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, dando nossa contribuição para estudos desta natureza.

CAPITULO I

O BILINGUISMO

Tomo a fronteira como metáfora do lugar de encontro, da aproximação entre as diferenças; como um lugar onde ao mesmo tempo em que nos sentimos em casa na língua, vivenciamos a condição babélica de estranhamento na língua do Outro com o qual nos defrontamos, que nos desafia a acomodação e nos reduz à instabilidade e ao desconhecido de transitar entre outros mundos, outros signos, em outras significações.

(Sueli de Fátima Fernandes)

2.1. ESTUDOS SOBRE O BILINGUISMO

Antes de tratarmos da questão do bilinguismo e sua representação para a pessoa surda, abordaremos o bilinguismo sob o enfoque de vários autores, para assim, chegar às considerações sobre o tema.

De acordo com a Constituição Federal (1988, p. 15, art. 13) “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Assim, diante da Constituição, segundo Mello (1999), o Brasil é considerado “um país monolíngüe, onde todo e qualquer falante tem o português como primeira língua (L1)”. No entanto, a autora afirma que existem no Brasil 170 línguas indígenas de troncos e famílias diferentes, isso além das comunidades de origem italiana, japonesa, coreana, germânica, entre outras, sem contar ainda a língua de sinais da comunidade surda. Um dado bastante significativo que aponta o Brasil não como um país monolíngüe, mas como afirma Mello (1999, p. 14) “um país multiétnico e plurilíngüe”. Concordando com a autora, Oliveira (2003, p. 7) afirma também que, “o

Brasil é, portanto, como a maioria dos países do mundo, plurilíngue e multicultural”. Ainda, conforme Pereira e Angnes (2006, p. 24) “há mais situações de bilinguismo do que de monolinguismo no mundo” e “pesquisas recentes estimam que metade da população mundial é bilíngüe ou multilíngüe” (DALINGHAUS; PERERIA, 2008, p. 167). Diante disso, Borstel (2004, p. 69) afirma que “o multiculturalismo não existe somente entre as nações, mas se encontra, também, no interior das nações ou nas comunidades que a compõem, como pode ser visto no Brasil”.

Notamos, portanto, que “evidencia-se mais uma vez que o Brasil vive uma realidade plurilíngue e pluricultural, ao contrário do que afirmam as políticas lingüísticas nacionais” (DALINGHAUS; PEREIRA, 2008, p. 169) e que, mesmo diante de tantas línguas utilizadas no Brasil, apenas uma é oficializada como meio de instrução. Segundo Damke (1992, p. 23) “em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e goza de maior prestígio na comunidade linguística. Enquanto isso, as variantes inovadoras são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pela classe dominante”.

As políticas linguísticas defendem que o cidadão tem o direito à sua língua. Porém, a língua de instrução tida e privilegiada em âmbito nacional, é a língua portuguesa. Neste sentido, há vários contextos linguísticos conflituosos, em que, as minorias linguísticas acabam sendo desprezadas, rotuladas como inferiores e as pessoas que não dominam a língua majoritária acabam sendo privadas de inúmeras possibilidades como cidadãos. Concordando com isso, Nery *et al* (2008) afirma que “uma língua de baixo prestígio não é desejável como fator de identificação positiva”.

Referindo-se às leis relacionadas à defesa das línguas, Calvet (2007) enfatiza que

quando se trata em defesa das línguas, a lei pode constranger as instituições: entramos aqui no campo do direito que os indivíduos têm a uma língua. Num primeiro momento, a expressão “direito à língua” nos remete à proteção das minorias lingüísticas, e o próprio fato de se falar em proteção mostra até que ponto elas são ameaçadas. (CALVET, 2007, p. 84),

Assim, podemos perceber que apesar de haver vários contextos bilíngues na sociedade, a língua portuguesa impera e as línguas minoritárias são marginalizadas e, segundo Pereira e Angnes (1996) isso deve-se

certamente porque há questões de poder que não passam necessariamente, pelas questões numéricas. Há o poder econômico e político de ordem ideológica, enfim, estas questões acabam por impor uma imagem forte aos cenários bilíngues para os quais a tendência é de enfraquecimento (PEREIRA E ANGNES, 2006, p.2).

Neste sentido, as comunidades minoritárias têm suas línguas ameaçadas pelas relações de poder que marcam a sociedade. Referindo-se às questões de poder, Foucault (2000), pontua que o poder deve ser estudado como tendo existência própria, não sendo um objeto, mas uma relação (relação de poder), que tenta disciplinar e controlar a sociedade.

Sendo o Brasil um país plurilíngue e multicultural, abordaremos agora, a questão do Bilinguismo sob a visão de vários autores, dentre eles, Grosjean (1982), Mello (1999) e Felipe (1989). Iniciando nossa análise, indagamos se é possível afirmar que as pessoas que transitam por duas línguas, podem ser consideradas bilíngues? A definição de bilinguismo contempla muito mais que isso. Para chegar à definição do que é o bilinguismo, a autora Mello (1999), parte de estudos e considerações de autores como Mackey (1972), Weinreich (1968) e Grosjean (1982). Desta forma, Mackey (1972 *apud* Mello, 1999, p. 45) “Bilinguismo é o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo”. Para Weinreich (1968 *apud* Mello, 1999, p. 45) “Bilinguismo é a prática de se usar duas línguas

alternadamente”. Segundo Grosjean (1982) bilinguismo é o uso regular de duas ou mais línguas, e para Felipe (2001) o bilinguismo está ligado a versatilidade no desempenho das línguas que estão em contato.

Discutindo as considerações dos autores acima apontados, Mello (1999) afirma que o bilinguismo está diretamente ligado não somente ao uso de duas línguas, mas, a interação indivíduo - língua - sociedade, considerando que o bilinguismo faz parte do dia a dia do sujeito. Neste sentido, a questão bilíngue diz respeito à identidade, as atitudes, ao comportamento das pessoas no meio social, ao contexto de interação. Sendo assim, o uso da língua não pode ser concebido independente do contexto social e das relações que o falante estabelece com o outro em situações de comunicação.

Essa definição de bilinguismo está diretamente focalizada no uso da língua e as diversas funções que ela exerce, ou seja, a necessidade do indivíduo de adquirir e usar uma determinada língua em determinado local, quando em contato com esta ou aquela pessoa (MELLO, 1999).

Assim, o sujeito bilíngue utiliza as diferentes línguas, com diferentes propósitos, em diferentes situações e com diferentes pessoas. Segundo Mello (1999) “o bilinguismo está associado à atitude do grupo e/ou indivíduo em relação às línguas envolvidas”, a forma de lidar com as línguas envolvidas, a necessidade de utilizar essas línguas para as relações sociais.

Ainda conforme Mello (1999) é importante ressaltar que uma sociedade bilíngue não se forma somente a partir do contato entre línguas e culturas, “igualmente importante são as atitudes que as pessoas têm em relação às línguas e aos membros das comunidades minoritárias, bem como às políticas lingüísticas a serem adotadas pela comunidade num todo” (MELLO, 1999, p.35). Neste sentido, é

necessário a “mudança de olhar” para com as comunidades minoritárias, acolhendo, valorizando, respeitando as diferenças e equiparando as oportunidades. É somente ‘aprendendo a conviver’ e dando o “direito de conviver” que poderemos compartilhar culturas e experiências, moldando assim, as relações sociais.

Neste sentido, valorizando as raízes das diferenciadas comunidades, é que também a comunidade usuária de uma língua, buscará com certeza mantê-la viva, buscando passá-la para as gerações futuras, afim de que sua cultura permaneça. Neste sentido, Grosjean (1982, p. 110) afirma que “se o grupo está emocionalmente ligado à língua e tem orgulho dela e de sua herança cultural, ele não medirá esforços para mantê-la e passá-la para os seus filhos”, cultivando assim, as raízes e a cultura de seu povo.

Assim, pontuamos esta visão de bilinguismo que abordaremos em nossa pesquisa - a interação indivíduo, língua e sociedade.

2.2. DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA AO BILINGUISMO PARA OS SUJEITOS SURDOS

A trajetória histórica da pessoa surda sempre esteve ligada a questão da deficiência, em que era tido pela família e sociedade como um sujeito incapaz, sem identidade, sem condições de estar incluso na sociedade, sendo assim, era escondido, rejeitado e muitas vezes, até sacrificado.

A partir do século dezesseis, têm-se notícias dos primeiros educadores de surdos e estes trabalhavam com diferentes metodologias de ensino, alguns

defendiam a língua oral, outros a língua de sinais como a forma mais eficaz de comunicação e inclusão do surdo na sociedade.

No século XVIII, surgem os educadores de surdos como Abade Charles Michel de L'Epée (1712 – 1789), francês que se aproximou dos surdos que perambulavam nas ruas de Paris, aprendendo com eles a língua de sinais, criando assim os "Sinais Metódicos", uma combinação da língua de sinais com a gramática sinalizada francesa (ALPENDRE, 2008). O L'Epée transformou sua casa em uma escola e obteve imenso sucesso na educação dos surdos.

Surge em 1750, com Samuel Heinick, na Alemanha, a idéia de que a única maneira de incluir o surdo na sociedade seria através da língua oral, rejeitando a língua de sinais. Essa filosofia constituiu o que hoje chamamos de filosofia Oralista, impregnada na visão médico-clínica, acreditando na normalização do sujeito, na interação dos sujeitos surdos e ouvintes somente através da língua oral. Segundo Skliar (1998), essa é uma visão clínica terapêutica da surdez, valorizando somente a patologia, o déficit do sujeito.

As duas metodologias foram confrontadas pela comunidade científica, sendo que a filosofia de L'Epée foi considerada mais adequada para a educação de surdos. Desta forma, o século XVIII é considerado o período mais fértil da educação dos surdos, pois houve um grande avanço educacional dos sujeitos surdos, e através da língua de sinais os surdos estabeleciam a comunicação havendo assim, o desenvolvimento social e educacional da pessoa surda.

Em 1815, Thomas Hopkins Gallaudet, professor americano, funda a primeira escola permanente para surdos nos EUA, utilizando em sala de aula um francês

sinalizado, surgindo assim a filosofia denominada, mais tarde, de Comunicação Total³.

As escolas públicas americanas, a partir de 1821, adotam a ALS (American Sign Language), que sofreu muita influência do francês sinalizado. As aulas eram ministradas em língua de sinais e a escolarização de surdos obteve bastante sucesso. Em 1864 foi fundada a primeira universidade nacional para surdos, Universidade de Gallaudet.

Com os avanços tecnológicos, surgem novas formas que facilitam a aprendizagem da fala pelo surdo e a partir de 1860 o método oral começa ganhar força. Assim, os profissionais adeptos ao oralismo, defendem a idéia de que a língua de sinais prejudicaria o aprendizado da língua oral. O defensor mais importante do Oralismo foi Alesander Graham Bell, o inventor do telefone.

Em 1880, em Milão, na Itália, foi realizado o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, no qual foi colocado em votação qual método seria o mais adequado para a educação dos surdos, ficando definido como mais apropriado o Oralismo. Assim, as escolas adotam o método oralista, proibindo o uso da língua de sinais, dedicando-se ao treinamento oral, deixando de lado as disciplinas escolares, havendo assim, uma queda no nível de escolarização dos surdos. De acordo com Sacks (1990, p. 45) “O oralismo e a supressão do Sinal resultam numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral”. Também Moura (2006, p.24) acrescenta que “eles eram e são obrigados, entretanto, a frequentar as aulas mesmo sentindo-se desrespeitados, humilhados em sua condição”.

³ Filosofia educacional que defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação e o aprendizado da língua oral pela criança surda. GOLDFELD, Márcia. A criança surda. Plexus, 1997.

A trajetória história dos surdos, segundo Fernandes (2003), está marcada pela oposição entre ouvintes e surdos, e para Skliar (1998), a história da educação dos surdos demonstra que

foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto na caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR, 1998, p.7)

Surgem então, estudos sobre a língua de sinais demonstrando que estas têm todas as características das línguas orais. Em alguns países como Suécia e Inglaterra o trabalho com surdos começou a ser realizado de forma que a língua de sinais era utilizada independente da língua oral, sendo que eram utilizadas em momentos diferenciados e apropriados (GOLDFELD, 1997). Surge então, no final da década de oitenta, mais efetivamente na década de noventa, a filosofia Bilíngue, que segundo Salles (2004), é uma

proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais como língua natural e partindo desse pressuposto para o ensino da língua escrita. A proposta bilíngüe busca resgatar o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua, a língua de sinais, levando em consideração os aspectos sociais e culturais em que está inserida (SALLES *et al.*, 2004, p. 57).

No Brasil, a educação de surdos surge em 1855, com a chegada do professor francês Hernest Huet e, em 26 de setembro de 1857, é fundado O Instituto Nacional de Surdos - Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES).

A partir das pesquisas da Professora Linguista Lucinda Ferreira Brito, na década de noventa, sobre a Língua Brasileira de Sinais, a filosofia bilíngüe começa a ser utilizada. Brito (1995, p.16) afirma que “as línguas de sinais, por serem línguas

naturais, persistem. Apesar das proibições e preconceitos de que têm sido alvo, elas resistiram heroicamente através dos tempos. Isso demonstra a fortaleza de um sistema consistente”.

No início, a sigla adotada, seguindo o padrão internacional de abreviação das línguas de sinais, era LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros). A partir de 1994, a comunidade surda cria a sigla LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), que é adota por Brito (1995). Além da língua de sinais utilizada pelas comunidades surdas urbanas, segundo Felipe (2001, p. 19) “há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada por índios Urubus-Kaapor, na Floresta Amazônica”.

A Língua de sinais existe tanto tempo quanto a existência dos surdos. Sua padronização no Brasil começou quando o INES trabalhava em regime de internato, recebendo surdos de várias regiões, e estes ao voltarem para suas cidades, difundiam a língua. Assim, os surdos acabaram reconhecendo e considerando a língua como o meio de comunicação, como sua primeira língua. A partir daí, começaram a lutar para que sua língua fosse reconhecida e em 24 de abril de 2002 pela Lei nº. 10.436, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais foi oficializada no Brasil e reconhecida como a forma de comunicação e expressão, de sistema linguístico de natureza visual-motora, possuindo uma estrutura gramatical própria, constituindo assim, a língua das comunidades de pessoas surdas do Brasil.

2.3 O BILINGUISMO E SUA REPRESENTAÇÃO PARA A PESSOA SURDA

As pessoas surdas atualmente são vistas e reconhecidas como uma comunidade que possui identidade, cultura e língua que lhes são próprios e de acordo com Kelman (2008, p.88) “o tema da surdez é hoje abordado como uma manifestação de uma particularidade cultural dentro de um contexto multicultural”. Assim, os surdos possuem o direito de serem instruídos em sua primeira língua - a língua de sinais, reconhecida e oficializada no Brasil, com implicações para sua divulgação e ensino, garantindo o acesso bilíngue as informações em ambientes institucionais.

Segundo o Censo Demográfico de 2000, no Brasil existe um total de 5.750.805 pessoas surdas que enquanto minorias linguísticas buscam o seu espaço, lutando pelos seus direitos e reconhecimento social. Segundo Mello (1999, p. 32) “essas minorias não possuem um status oficial, suas línguas não são reconhecidas ou valorizadas e os membros desses grupos devem aprender a língua majoritária para que possam interagir com os grupos lingüísticos dominantes”. Dessa forma, “o caminho tomado e seguido normalmente por um movimento que resgata sua autonomia, é exumar, sob a manifestação cultural que corresponde a um primeiro momento de tomada de consciência, as implicações políticas e sociais que aí se acham envolvidas” (CERTEAU, 1995, p. 148).

Atualmente a comunidade surda vem criando espaços com discursos que contrapõe o discurso hegemônico ouvinte que trata a surdez sob a visão clínica, enfatizando apenas a perda auditiva, tratando-o como um sujeito “deficiente auditivo”. Assim, os surdos buscam o fortalecimento do discurso que os reconhece como pertencentes a uma comunidade com identidade, cultura e língua, tratando-o

como sujeitos “surdos” com potencialidades e limitações da mesma forma que as pessoas tidas como “normais”. Desta forma, o Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, art. 2, afirma que “compreende-se por pessoa surda, aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. No entanto, vários documentos do campo jurídico e da estrutura dos sistemas de ensino como, legislações, por exemplo, pontuam a visão da pessoa surda como “deficientes auditivos”.

Segundo Bergamaschi e Martins (1999):

a denominação de sujeito surdo é o termo que o surdo se atribui. Um termo que compreende sua especificidade em uma temporalidade e com uma cultura própria. Ele não quer o termo deficiente auditivo que lhe é dado pelas diversas clínicas, visto negar sua identidade como surdo, bem como sua cultura, caracterizando-o como deficiente. Ser sujeito surdo é algo que se aprende gradativamente” (BERGAMASCHI e MARTINS, 1999, p. 34).

De acordo com Pimenta (2001, p. 24) “a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte é apenas diferente”. Ainda segundo o autor, o surdo possui “um jeito Surdo de ser” que trata de uma cultura da visão, pois a língua de sinais é gestual – visual e as experiências dos surdos são através da visão. Concordando com isso, Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 91) afirmam que “ser surdo parece ser um traço de uma identidade vivida e sentida de forma particular por integrantes de um mesmo grupo”.

A língua de sinais, assim como outras línguas, surgiu da necessidade de comunicação e das relações sociais da comunidade surda. Manteve-se viva no decorrer da história, mesmo com todas as proibições, demonstrando-se comparável

a quaisquer outras línguas. Conforme Brito (1995),

a LIBRAS é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas lingüísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem. É uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos lingüísticos daqueles que as usam (BRITO, 1995, p. 11).

Segundo Quadros (2004, p. 30) “as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação”.

Assim, também para Kyle (1999) a língua de sinais é considerada a língua natural do sujeito surdo, pois se desenvolve em meio à comunidade surda de forma espontânea. Concordando com isso, Brito afirma que a língua de sinais

é adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com as pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngüe busca captar esse direito (BRITO, 1995, p. 27).

Considerando que a L1 da pessoa surda é a língua de sinais, a língua portuguesa escrita é caracterizada diferentemente dos ouvintes para os surdos, sendo que Fernandes (2004, p. 9) pontua que para os surdos, “o português será uma segunda língua, sem referências lingüísticas auditivas ou ‘naturais’”. Concordando com isso, Quadros (1997) enfatiza que

a Língua Portuguesa é a L1 de crianças ouvintes brasileiras e, necessariamente, deverá ser ensinada de forma diferente para crianças surdas que a adquirirão como L2. Além do fato de a língua portuguesa não ser a L1 do surdo, há a questão da diferença na modalidade das línguas. A criança surda deverá adquirir uma L2 que se apresenta numa modalidade lingüisticamente diferente da sua L1, isto é, ela deverá aprender uma língua 'gráfico-visual' enquanto a sua L1 é 'visual-espacial'. Os estudos sobre o ensino de L2 partem do pressuposto de que a criança estará adquirindo uma L2 na mesma modalidade lingüística de sua L1. Dessa forma, o ensino da L2 – Língua Portuguesa - para surdos apresenta questões mais complexas que exigem mais investigação. O processo de aquisição de uma L2 em crianças dependem de, no mínimo dois, pré-requisitos: (a) garantia de um processo natural de aquisição de uma L1 e (b) a aquisição da língua escrita, isto é, da alfabetização (QUADROS, 1997, p.111).

Percebemos que para as crianças surdas, “aprender a escrita da língua portuguesa significa aprender a própria língua” (FERNANDES, 2004, p. 9). Assim, no contexto de ensino, a criança surda fica diante de duas línguas, sendo a segunda, uma língua “artificial”. Desta forma, as pessoas surdas têm o direito a uma educação bilíngue, valorizando assim, a sua primeira língua e partindo desta para o ensino da segunda língua. Neste sentido, Quadros (1997) define bilinguismo como a educação que se propõem tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Seu objetivo é propiciar à criança surda um desenvolvimento cognitivo e lingüístico equivalente ao verificado na criança ouvinte, desenvolvendo assim uma relação de harmonia com os ouvintes. Essa heterogeneidade deve ser vista como uma riqueza, uma oportunidade de aprendizado coletivo e não como um obstáculo.

Podemos afirmar, portanto, que os surdos são possuidores de uma língua que se apresenta na modalidade gestual-visual, diferentemente da língua portuguesa, que é oral-auditiva, sendo, portanto, bilíngues em línguas que se apresentam com modalidades distintas. Desta forma, Fernandes (1999, p. 2) afirma que a produção da língua de sinais “é realizada através de recursos gestuais e espaciais e sua

percepção é realizada por meio da visão, por isso, é denominada uma língua de modalidade gestual – visual - espacial”.

Assim, Strobel (2008, p. 46) afirma que “a língua de sinais não pode ser estudada tendo como base a língua portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral”. Desta forma, “a língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea como ocorre com a língua de sinais” (QUADROS,1997, p.27).

Constata-se, portanto, que a língua portuguesa é tida como uma segunda língua oral-auditiva, distinta da modalidade da língua de sinais. Assim, percebemos que o contexto de aquisição bilíngue dos sujeitos surdos, acontece diferentemente das pessoas ouvintes. Este contexto bilíngue dos não ouvintes acontece primeiramente, na maioria dos casos, no contexto escolar, pois, de acordo com Fernandes (2004, p. 5) “95% das crianças são filhas de pais ouvintes, sendo muito pequeno o percentual de surdos, filhos de pais surdos”. Desta forma, normalmente os surdos filhos de pais ouvintes, crescem em meio a línguas fragmentadas - a língua portuguesa oral, da qual não podem apropriar-se, pois há a barreira da falta de audição para a aquisição, e a língua de sinais na maioria das vezes não é conhecida pela família. O que normalmente acontece é que entre os surdos e a família são combinados sinais para estabelecer uma forma de comunicação e, é somente através do contato com outros surdos, que aprenderá a língua brasileira de sinais. Assim, diferente das crianças ouvintes que nascem e crescem num ambiente linguístico em que podem desenvolver a linguagem, as crianças surdas, em sua maioria, não tiveram oportunidade de ter um desenvolvimento pleno da sua linguagem, devido à carência de um ambiente linguístico nos primeiros anos de vida

e esta situação, acarretará na dificuldade de aprendizado de uma segunda língua, pois se a primeira não está bem estruturada, como aprenderá uma segunda língua?

Somente a partir do momento que os surdos começam a interagir com outros surdos, é que a língua de sinais será aprendida de forma natural. Será em meio à comunidade surda que haverá o desenvolvimento linguístico, cultural e social, o que contribuirá para a formação de sua identidade. Porém, na maioria dos casos, a “descoberta” da surdez e o contato com a comunidade surda, acontecem tardiamente o que prejudica o desenvolvimento linguístico do sujeito surdo. Os autores Padden e Humphriens (2000, p. 16) afirmam que “nas histórias que coletamos de crianças Surdas de pais Surdos, o mesmo padrão emerge mais e mais: a “surdez” é “descoberta” tardiamente... Não é surpreendente que a escola é geralmente o cenário para este tipo de descobrimento”, pois muitas vezes, quem detecta que o aluno possui alguma perda auditiva, são os professores e os encaminhamentos quanto à surdez, são feitos pela própria escola. A partir disso, a escola de surdos tem papel fundamental no trabalho com os pais para a aceitação da surdez, pois a família encara a surdez através da visão patológica, como perda auditiva, como um filho “anormal” pois conforme Wrigley (1996, p. 16) “para aquele que ouve, a surdez representa uma perda de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo”. Porém, o surdo não “vê” a falta de audição como um problema social, mas como algo natural, como mais um membro a integrar-se à comunidade surda, essa visão faz parte da cultura surda.

Assim, as escolas de surdos preconizam a proposta bilíngue, de maneira que ambas as línguas, a língua de sinais e a língua portuguesa escrita, sejam trabalhadas, sendo a primeira, a língua como meio de instrução e a língua portuguesa, como segunda língua. Conforme Damke (2006, p. 38) o português deve

ser “verdadeiramente ensinado como segunda língua, com respeito ao idioma e à cultura materna já internalizada pelo falante desde a infância”.

No entanto, Quadros (1997) salienta que a proposta bilíngue deve considerar que a maioria dos surdos que chegam à escola, são filhos de pais ouvintes e que,

a criança precisa ter contato com surdos adultos. A presença de surdos adultos apresenta grandes vantagens dentro da proposta bilíngue. Primeiro, a criança, tão logo tenha entrado na escola, é recebida por um membro que pertence à sua comunidade cultural, social e lingüística; assim, ela começa a ter oportunidade de criar a sua identidade. Segundo, essa criança começa a adquirir a sua língua natural. Tais vantagens são imprescindíveis para o sucesso da proposta bilíngüe. Deve haver um ambiente próprio dentro da escola (ou em outro lugar) para desenvolver a linguagem e o pensamento da criança surda; assim, tornar-se-á possível o ensino de uma segunda língua, caso contrário, a criança surda não terá chances de apresentar um domínio razoável da língua portuguesa (QUADROS, 1997, p. 30).

Sob esta visão, é imprescindível que desde a mais tenra idade, os surdos possam interagir com a comunidade surda, seja na escola ou na associação de surdos, a fim de que lhe seja oferecido o direito à aquisição de sua língua natural de forma espontânea, pois isso é fundamental para o seu desenvolvimento lingüístico e cognitivo. Assim Strobel (2008) esclarece que

a criança surda necessita de professores surdos usuários de língua de sinais e cultura própria em seu processo de construção de identidade e educacional. O imaginado é que surdos tenham contato com outros surdos que constituem o povo surdo⁴, onde acontece o seu desenvolvimento como sujeito diferente, sendo um centro de encontro com o semelhante para que desenvolva sua identidade cultural, por isso estes defendem a importância de termos escola de surdos (STROBEL, 2008, p. 104).

⁴ “Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam um mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente de grau de evolução lingüística, tais como língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços” (STROBEL, 2008, p. 31).

É necessário, desta forma, que os pais ouvintes tenham a consciência da importância do aprendizado da língua de sinais para a comunicação com seu filho, e, sobretudo que dê a oportunidade a seu filho de interagir com a comunidade surda o mais cedo possível, para que assim possa ter um desenvolvimento linguístico (SÁNCHEZ, 1990).

Em relação ao contexto de aquisição e desenvolvimento linguístico da pessoa surda, Quadros (2008, p. 31) esclarece que o “contexto bilíngue é completamente atípico de outros contextos bilíngues estudados, uma vez que envolve modalidades de línguas diferentes”; a língua portuguesa na modalidade oral-auditiva e a língua de sinais que se apresenta na modalidade visual-espacial.

Neste sentido, Quadros (2008, p. 29), afirma que para pensar no bilinguismo para os surdos, devem-se considerar aspectos relacionados a questão das modalidades distintas das línguas, pois estas se apresentam em modalidades diferentes. Além disso, a contexto familiar dos surdos é formado, na maioria dos casos, por pais ouvintes e estes desconhecem a língua de sinais. Outro fator importante, é que na maioria dos casos, a aquisição da língua de sinais é adquirida tardiamente pelos surdos. Normalmente, isso acontece quando eles vão para a escola de surdos e passam a ter contato com seus pares, no entanto, a língua de sinais tem *status* de primeira língua para os surdos. É importante salientar, que ainda segundo a autora, “a língua portuguesa apresenta uma ameaça para os surdos”, pois esta é a língua institucionalizada, sendo que “as políticas públicas determinam que os surdos “devem” aprender português”; porém os surdos lutam pelo direito de serem ensinados na sua primeira língua – a língua de sinais. Concordando com isso, Pereira e Costa (2000, p. 39) afirmam que infelizmente “na

escola a língua portuguesa ocupa grande lugar de destaque e as demais línguas são invisibilizadas, menosprezadas e até, de certa forma, ignoradas”.

Assim, na escola, os surdos muitas vezes, apresentam resistência para aprender a língua portuguesa, pois esta é imposta a eles. Neste sentido, Quadros (2008, p. 29) afirma que há necessidade de “revisão do status do português pelos próprios surdos: reconstrução de um significado social a partir dos próprios surdos”, de forma que o aprendizado da língua portuguesa seja tido como algo significativo para os não ouvintes.

Percebe-se, portanto, que a constituição do contexto bilíngue para os surdos ocorre diferentemente dos ouvintes, sendo que o *status* de sujeito bilíngue deve ser analisado a partir dos vários fatores apresentados anteriormente.

Dentre os aspectos abordados referentes à forma em que se compõe o contexto bilíngue da pessoa surda, chamamos a atenção para o último, que está ligado diretamente ao objeto de estudo de nossa pesquisa: “revisão do status do português pelos próprios surdos: reconstrução de um significado social a partir dos próprios surdos” (QUADROS 2008, p. 29), em que podemos dizer que a reconstrução de um significado social para a língua portuguesa, deve partir dos próprios surdos, o que em nossa pesquisa percebemos que iniciou a partir das “conversas digitais” dos surdos na *internet*. Essa nova possibilidade de comunicação, prática e eficaz, trouxe uma nova significação para o aprendizado da língua portuguesa – que saiu do espaço escolar para um espaço de prática social – através da interação entre os surdos/surdos e ouvintes, não mais imposta como nos bancos escolares, mas como necessidade comunicativa significativa, estimulando assim, o seu aprendizado.

Desta forma, verificamos que o sujeito surdo “é bilíngue, porque a língua portuguesa passa a ter uma representação diferenciada para os próprios surdos e não porque as políticas públicas determinam que a educação de surdos deva ser bilíngue” (QUADROS, 2008, p. 32) e, é neste sentido que a língua portuguesa passa a ser concebida e aprendida a partir de uma representação diferenciada, de interações comunicativas no *Orkut* que propiciam o aprendizado de uma segunda língua para os surdos.

A partir do exposto, constatamos que o *status* de sujeitos bilíngues surdos, parte da formação de um contexto bilíngue atípico – um bilinguismo construído diferentemente dos outros – e, de acordo com Quadros (2008, p. 31) “descobrir os laços de tais cruzamentos e das fronteiras que são estabelecidas é desafiador tanto para os surdos como para os ouvintes envolvidos” e isso, requer estudos e pesquisas mais aprofundados, que deixaremos como sugestão para trabalhos futuros.

CAPÍTULO II

CULTURA E IDENTIDADE – O CASO DOS SUJEITOS SURDOS

3.1 OS SURDOS POSSUEM UMA CULTURA?

No capítulo anterior abordamos a questão do bilinguismo e sua representação para o sujeito surdo e, segundo Cavalcanti (2001) os contextos bilíngues têm suas culturas próprias e estas estão relacionadas à construção de identidades. Os surdos, assim como os demais contextos bilíngues, estão imersos a outros contextos multiculturais, compartilhando assim, diferentes culturas. Desta forma, surdos e ouvintes convivem compartilhando culturas num mesmo espaço físico. Conforme Salles (2004)

surdos e ouvintes encontram-se imersos, normalmente, no mesmo espaço físico e partilham de uma cultura ditada pela maioria ouvinte, no caso do Brasil, a cultura brasileira, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte, o que torna os surdos indivíduos multiculturais (SALLES, 2004, p. 39).

Mas poderíamos definir o que é cultura? Segundo Strobel (2008, p.16) pesquisadores, desde o século passado, buscam definir o conceito de cultura, “e apesar de a cifra ter ultrapassado mais de 200 definições, ainda não chegaram a um acordo sobre o significado da terminologia”. No entanto, aqui chamaremos para reflexão a definição de cultura dada por Strobel (2008), afirmando que

a humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimentos através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la (STROBEL, 2008, p. 17).

Segundo Padden e Humphriens (2000, p. 5), “(...) uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, crenças de comportamento e tradições”. Conforme Borstel (2000, p. 59) “cultura é considerada, como uma totalidade de características de um grupo social”. No entanto, “a cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas” (STROBEL, 2008, p. 19).

Referindo-se aos surdos, salientamos que suas experiências são adquiridas através da visão, e referindo-se a isso Felipe (2001, p. 38) afirma que “a diferença está no modo de apreender o mundo, que gera valores, comportamento comum e tradições sócio-interativas, a este *modus vivendi* está sendo denominado de ‘Cultura Surda’”.

Segundo Anderson (*apud* Felipe, 2001, p. 9) “a cultura dos surdos sinaliza que as normas, valores, tecnologia e linguagem dos surdos são diferentes de outros grupos humanos”, e isso se deve a forma de conceber o mundo e suas experiências, que para os surdos, acontece, como já dissemos, na forma visual, tanto que sua língua apresenta-se na modalidade gestual – visual. Em relação à cultura surda, Padden e Humphriens afirmam que

usando teorias do estudo das culturas humanas, focalizamos não sobre um relacionamento direto entre as características físicas das pessoas e seus comportamentos, mas sobre um exame do local onde estão estas características e comportamentos em sua vasta vida cultural. Numa variedade de maneiras, as pessoas Surdas têm acumulado um conjunto de conhecimentos sobre si próprios face à compreensão da sociedade maior — ou incompreensão — dela. Elas têm encontrado maneiras de se definirem e de se expressarem através de seus rituais, contos, performances, e encontros sociais diários. A riqueza da sua língua de sinais permite a elas as possibilidades de perspicácia, invenção, e ironia. Ao explorarmos esta cultura, coletamos uma ordem de materiais que sugerem uma nova maneira para organizar as informações sobre o que significa ser Surdo. Usando-se estes materiais, tentamos apresentar a cultura a partir de dentro — para descobriremos como as pessoas Surdas se descrevem, que tipo de símbolos que elas se cercam, e como elas pensam sobre suas vidas (PADDEN e HUMPHRIENS, 2000, p. 8).

Assim, a cultura surda constrói-se de forma a descrever os surdos e seus pensamentos, sua forma de agir, sua história, lutas, conquistas, sua maneira de ser. Segundo Borstel (2004, p. 69) também “a língua no seu aspecto societal e cultural, é o elemento indispensável para a comunicação e a interação dos indivíduos dentro de seu grupo”, sendo assim, primordial para a construção da identidade e da cultura. Para Strobel (2008),

a cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-se com suas percepções vividas, que constituem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Desta forma, Strobel (2008) defende que a cultura surda é formada por artefatos⁵ culturais, e estes são a experiência visual, a questão linguística, familiar, a literatura surda, a vida social e esportiva dos surdos, as artes visuais dos surdos, a política – lutas do povo surdo, e materiais que auxiliam a acessibilidade dos surdos.

⁵ Para a autora, “artefatos não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”.

Segundo a autora, os surdos possuem uma forma peculiar de apreender o mundo, suas experiências são tidas através da visão, e isso é próprio da comunidade surda, constituindo o “artefato visual”. A língua de sinais constitui o “artefato linguístico” da comunidade surda e, esta é primordial para a cultura surda, sendo hoje reconhecida como primeira língua da pessoa surda.

Na maioria dos casos, como já abordamos, os surdos são filhos de pais ouvintes, e acabam tardiamente conhecendo o povo surdo e sua língua. No entanto, para os surdos, o nascimento de uma criança surda é uma alegria, isto não é visto como um problema, pois este será mais um membro de sua comunidade. Em relação a esta questão do “artefato familiar”, abordado por Karin (2008) gostaria de apresentar uma situação vivenciada pela intérprete de língua de sinais, Graziely Grassi Zanoni⁶, que em uma conversa com uma aluna surda, a mesma vendo Graziely grávida, passou a mão em sua barriga e lhe disse: - Tomara que nasça surdo. Naquele momento, Graziely ficou apreensiva com a fala da aluna e comentou o episódio. Analisando esta situação, percebemos que ninguém ensinou aquela menina surda que isto é parte de sua cultura, notamos que isso estava incutido nela, estava em seu coração, que era parte da cultura do povo surdo. Neste sentido, Strobel (2008, p. 25) afirma que a “cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos”.

Referindo-se ao artefato cultural da literatura surda, (Strobel, 2008) afirma que a expressão “literatura surda” refere-se às memórias das vivências surdas, transmitidas através das gerações. Atualmente, a literatura surda é apresentada em vários gêneros como poesia, piadas, literatura infantil, etc., sendo que as histórias

⁶ Graziely Grassi Zanoni atua na educação de surdos há 10 anos, principalmente como intérprete de língua de sinais. Agradeço a Graziely pela contribuição relatando sua experiência.

são apresentadas em língua de sinais. Nesta produção, está presente a identidade, a cultura surda, a história do povo surdo, demonstrando como estas questões se mantiveram vivas, mesmo diante de tantas dificuldades e opressões. Na atualidade, essa literatura vem sendo apresentada em Cd room, DVDs e vídeos e tem colaborado muito para difundir a cultura surda.

Outro artefato apontado por Strobel (2008) é a questão da vida social e esportiva dos surdos, em que é curioso um dado apontado pela autora que se refere ao casamento dos surdos, pois a maioria deles é realizado entre surdos. Essa questão é interessante, pois, realmente, os surdos identificam-se com a sua comunidade, com os seus pares, assim como acontece em outras culturas.

Mais um aspecto desse artefato, é que normalmente os casais surdos, aspiram por filhos surdos, pois os mesmos serão como eles, não terão dificuldades na comunicação. Isso é algo natural e, estes surdos filhos de pais surdos são extremamente respeitados, pois a comunidade surda os vê como membros da comunidade surda, com uma identidade surda (STROBEL, 2008).

Ainda neste artefato cultural, outra questão muito interessante, é que os surdos se “batizam” em língua de sinais. De acordo com Strobel (2008, p. 64) é tradição da comunidade surda “batizar os nomes de seus membros em língua de sinais, que pode ser uma das características físicas da pessoa, ou primeira letra do nome, ou de sua profissão”. E quando surdos se conhecem, normalmente um pergunta ao outro o seu sinal. Isso ocorre também com os ouvintes, pois os surdos, quando conhecem uma pessoa ouvinte, o “batiza” em língua de sinais. Esse “batismo” somente poderá ser feito por pessoas surdas, que escolhem um sinal para o ouvinte. Ainda estão presentes neste artefato os jogos esportivos, festas, atividades em associações, dentre outros.

Referindo-se às artes visuais, a autora afirma que os surdos criam a arte para demonstrar através dela, os pensamentos, as crenças do povo surdo, explorando olhares diferenciados da cultura surda (STROBEL, 2008). Neste artefato, está presente o teatro, filmes com a temática da surdez, livros escritos por autores surdos, dentre outros. Interessante ressaltar que no teatro, se valoriza muito a expressão facial, corporal e a língua de sinais, formando um espetáculo visual.

Segundo Strobel (2008) as lutas e movimentos do povo surdo em busca de seus direitos referem-se ao artefato cultural da política. Dentre as conquistas dos surdos, podemos destacar a oficialização da língua de sinais através da Lei n. 10.436 em 24 de abril de 2002, o curso de graduação em Letras/Libras, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o pioneiro na América Latina e ainda, o Dia dos surdos, em 26 de setembro, data em que os surdos comemoram a cidadania conquistada. Os surdos ainda lutam pelo reconhecimento da pedagogia surda, que segundo Strobel (2008. p. 73), “parte de um “olhar” diferente direcionado em uma filosofia para a educação cultural”, buscando a valorização do professor surdo como modelo de identidade surda, transmitindo assim, a cultura surda.

O último artefato apontado pela autora surda Strobel (2008) diz respeito aos materiais que dão acessibilidade aos sujeitos surdos. Dentre eles, destacamos: TDD – Telephone Device for the Deaf (telefone utilizado para a comunicação entre surdos e ouvintes); legenda closed-caption (legenda em língua portuguesa disponível em televisores); mensagens através de torpedos em celular; tradutor de libras Player Rybená (utilizado para traduzir páginas da web e textos escritos para a língua de sinais); a *internet* e sites como o *Orkut*, por exemplo, foco de nossa pesquisa.

Além desses artefatos, Sueli Fernandes, enquanto revisora do livro “As imagens do outro sobre a cultura surda” de Strobel (2008), do qual abordamos os

artefatos acima, menciona na nota de revisão, que não se pode deixar de lado os “modos de dizer o português” pelos surdos, ou seja, a forma peculiar que os surdos apresentam a escrita da língua portuguesa, o que seria mais um artefato cultural.

Verificamos, assim, vários aspectos da cultura surda e que esta se manteve viva durante a trajetória histórica dos surdos, mesmo com a proibição da língua de sinais pela filosofia oralista. Padden e Humphriens (2000) afirmam que a transmissão desta cultura se deu

nos dormitórios, distantes do controle estruturado da sala de aula, as crianças surdas são introduzidas à vida social das pessoas Surdas. No ambiente informal do dormitório aprendem não somente a língua de sinais mas o conteúdo da cultura. Desse modo, as escolas tornam-se centros de atividades das comunidades que as cercam, preservando à próxima geração a cultura das gerações anteriores (PADDEN E HUMPHRIENS, 2000, p. 6).

Desta maneira, caracterizar a Cultura Surda é admitir que esta sustenta aspectos peculiares, uma história de vida e pensamentos diferenciados, que possuem sua essência em uma língua cuja substância é “gestual”, gerando uma modalidade espaço-visual, uma maneira peculiar de apreender o mundo. Conforme Quadros,

essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela se traduz de forma visual. A forma de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem com base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Essa cultura se manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos que se garantiram através de movimentos de resistência com a fundação de organizações administrativas essencialmente por surdos. Em muitas dessas organizações, ouvintes não são aceitos no corpo administrativo. O que acontece aqui é o clamor pela coletividade surda com a constituição de suas regras e de seus princípios em um confronto de poderes. Nesse espaço com fronteiras delimitadas por surdos é que se constitui a cultura surda (QUADROS, 2008, p. 38).

Em relação à cultura surda, podemos afirmar que esta possui vários aspectos e convive compartilhando espaços com diversas outras culturas, com culturas ouvintes. Assim, Skliar afirma que

não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. Neste contexto, a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu revés. Não é uma cultura patológica (SKLIAR, 1998, p. 28).

Sendo a cultura surda vista através desse viés, verificamos que essa forma de apreender e conceber o mundo, está atrelada a uma cultura que se constitui da visão. Não há como estudar cultura surda sem abordar os artefatos defendidos por Strobel (2008), e, sendo a autora surda, tem muita propriedade em tratar esse assunto.

Quando os surdos realmente assumem com orgulho sua cultura, os ouvintes sentem-se chocados, buscando muitas vezes impor a cultura majoritária, normalizar o surdo, igualar a sua forma de pensar, agir, viver, busca silenciar a cultura surda. A cultura surda é construída a cada dia, é recriada, porém falta o reconhecimento, por parte da comunidade majoritária desta comunidade linguística. Neste sentido, Skliar (1998, p. 29) o problema “não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades, mas, sim, as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas”⁷ sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos”. Sendo assim, é necessário a mudança de olhar das pessoas ouvintes perante a comunidade

⁷ Segundo Skliar (1998, p. 15) ouvintismo – “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”. Também Perlin (1998) concorda com essa concepção acerca de ouvintismo, afirmando que o ouvintismo propõe a hegemonia ouvinte, e que isso é uma forma de continuar o colonialismo ouvinte perante os surdos.

surda, ressignificando o que a surdez representa, deixando de lado a idéia de que a surdez é uma anomalia a ser curada ou normalizada.

Queremos aqui, enfatizar que os surdos possuem a sua cultura, são representantes de um grupo social, assim como os negros, os índios, etc.; e o que fortalece esta cultura, é a língua de sinais. Dessa forma,

a luta política por novas normas: cultura e identidade surdas, inclusão do surdo nas minorias sociais, junto com os negros e índios. Essa luta pela inclusão é uma forma de “garantia” de afastamento da “anormalidade” e aproximação das minorias, normais embora diferentes (SANTANA e BERGAMO, 2005, p. 567).

Assim, os surdos deixam então de serem considerados deficientes, passando a ser vistos como diferentes, como um grupo constituinte de uma minoria lingüística, um povo que assim como os demais, luta pelo reconhecimento de sua língua, identidade e cultura, buscando o seu lugar como cidadãos atuantes na sociedade.

3.2. IDENTIDADE SURDA

A existência de uma cultura significa também, evocar a questão identitária do sujeito. A construção da identidade está diretamente ligada à cultura, não há como separar estes aspectos, pois um fortalece o outro, um completa o outro, possibilitando assim, a constituição de ambos. Mas poderíamos definir o que é identidade e como ela se constitui?

Segundo Hall (2005, p. 8) “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas”. Assim, o autor afirma que o sujeito que até então tinha uma identidade unificada e estável, passa a ter

atualmente uma identidade não mais única, fragmentadas, às vezes contraditórias ou mal resolvidas. Desta forma, as identidades não são mais tidas como fixas, permanentes, imóveis. Diante disso, Hall (2005, p. 13) enfatiza que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando-nos para diferentes direções, de tal forma que nossas identificações estão sendo continuamente deslocada”.

Assim, Hall (2005, p. 47) afirma que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem uma das principais fontes de identidade cultural”. Analisando dessa forma, podemos dizer que é a partir de nossas raízes, contato com nossa comunidade, cultura, que nos espelhamos para constituir nossa identidade. Um exemplo disso são os índios, que dentro de sua comunidade cultivam tradições, raízes que são passadas de geração em geração, formando a identidade das crianças através dessa vivência, através de seus hábitos, costumes, enfim, através da sua cultura. Igualmente acontece com os surdos, a partir do momento que há contato do surdo com a comunidade surda, encontra pessoas iguais a si mesmo, ou seja, na mesma condição da surdez. Este contato faz com que se identifique com esse grupo, com a língua de sinais, com os aspectos peculiares dessa cultura, construindo assim a sua identidade. Neste sentido, Strobel (2006), salienta sobre a importância do contato com a comunidade surda, fazendo algumas reflexões:

como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como um sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação a sua identidade surda no futuro, se ele não conviver com outros surdos que façam o uso da língua de sinais? Quem foi que disse que é só o sujeito surdo utilizar-se da língua de sinais que por um “passe de mágica” ele passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura como fica? (STROBEL, 2006, p. 250).

Concordando com isso, Perlin (1998, p. 53) afirma que a formação da identidade surda, está sempre em “situação de necessidade com o outro igual”.

Dessa forma, a interação com a comunidade e com a cultura surda é imprescindível para a constituição da identidade do sujeito surdo. Ainda Perlin (2004, p. 77) afirma que “as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior número de receptividade cultural assumida pelo sujeito”. Portanto, quanto mais enraizada e presente a cultura surda estiver na vida do surdo, melhor sua identidade será definida.

Não podemos tratar sobre identidade surda, sem mencionar os estudos realizados pela autora surda Perlin (1998) acerca deste tema. Para delinear as identidades surdas, a autora realizou uma pesquisa com alguns surdos, deixando-os falar sobre si mesmo, sobre a sua identidade, experiências. A autora afirma que os surdos escolhidos para este estudo “são parceiros e parceiras de muitos impasses, sonhos e realizações em busca do direito de ser surdo” (PERLIN, 1998, p. 51). Além disso, a própria autora contribuiu com os estudos, abordando suas experiências enquanto sujeito surdo. Assim, Perlin (1998, p. 51-52) afirma que sua contribuição para os estudos acerca da identidade surda, permite uma forma “surda” de ver o mundo: “o uso de minha pessoa significa ver o mundo de ponto de vista de dentro, o que implica usar óculos diferentes dos ouvintes”, e essa forma de visão permite “olhar as coisas como os ‘óculos surdos’ permitem ver”. Percebemos que a autora compara a forma de ver e apreender o mundo dos ouvintes, que se constitui diferentemente para os surdos, pois os ouvintes utilizam o canal auditivo para obter informações e compor o seu mundo, não semelhante aos surdos, que concebem o mundo de forma visual, sem referências auditivas.

Assim, diante dos estudos realizados, Perlin (1998) afirma que os surdos possuem múltiplas identidades, sendo estas: identidade surda, identidade surda

híbrida, identidade surda de transição, identidade surda incompleta e identidade surda flutuante.

A “identidade surda”, segundo a autora refere-se à identidade que se recria na cultura visual, ou seja, os surdos que se identificam assim utilizam a experiência visual para constituir o mundo, desenvolvem sua experiência na língua de sinais.

Já a “identidade surda híbrida”, assim denominada pela autora, diz respeito aos surdos que nasceram ouvintes e, com o tempo tornaram-se surdos. Portanto, suas experiências deram-se primeiramente através da audição, sendo que estes surdos conhecem a língua portuguesa e sua estrutura, de forma que segundo Perlin (1998, p. 63) “Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais”.

Quando trata sobre a “identidade surda em transição”, Perlin (1998) refere-se aos surdos, normalmente filhos de pais ouvintes, que vivenciaram a experiência de hegemonia ouvinte. A transição ocorre quando esses surdos deixam a identidade imposta pelos ouvintes e passam a assimilar a identidade surda com experiências visuais. Normalmente este contato com a comunidade surda acontece tardiamente.

Outro tipo de identidade abordada pela autora é a “identidade surda incompleta” (termo utilizado pela autora) que se refere “àqueles surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente, que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante”, buscando assim, reproduzir a identidade ouvinte.

Sobre a “identidade flutuante”, denominada pela autora, esta aborda que os surdos vivem, se espelham e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes. Alguns buscam ser ouvintizados, desprezando a cultura surda. Outros são forçados a viver em ideologia ouvinte. Esta identidade apresenta-se fragmentada, pois os

surdos com “identidade flutuante”, não conseguem estar na comunidade ouvinte, pois não há comunicação e nem na comunidade surda, pois não domina a língua de sinais. Segue, portanto, sem identificar-se nem com uma nem com outra comunidade, formando uma identidade que está entre ambas, sem estabelecer nenhuma, seguindo fragmentada.

Diante disso, Santana e Bergamo (2005, p. 572) salientam que “a constituição da identidade do sujeito está relacionada às práticas sociais, e não a uma língua determinada, e às interações discursivas diferenciadas no decorrer de sua vida: na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos”.

Dessa forma, como Hall (2005) abordou inicialmente em relação às identidades modernas, constatamos que os surdos também possuem identidades, múltiplas, fragmentadas e muitas vezes, mal resolvidas, sendo que a identidade dos sujeitos surdos constitui-se a partir de suas interações e práticas sociais. Concordando com isso, Skliar (1999) afirma que o sujeito surdo “contemporâneo não possui uma identidade fixa, estática, centrada, essencial ou permanente. A identidade é móvel, descentrada, dinâmica, formada e transformada continuamente em relação às formas através das quais é representada nos diferentes sistemas culturais”. No entanto, temos claro que a “Identidade Surda” refere-se aos surdos que estão num mundo visual e têm suas experiências nele, assumindo-se como sujeitos culturais, com uma identidade construída através da interação com seus pares, através de espaços de interações culturais da comunidade surda, como por exemplo, a escola de surdos e associações de surdos, dentre outros.

Segundo Fernandes (2003, p. 31) “o ‘ser surdo’ remete a um universo plural e multifacetado no qual convivem diferentes práticas de significação imersas em também complexas relações de poder”. Assim, na busca pelo reconhecimento como

sujeitos culturais, os surdos lutam contra a proposta de homogeneização imposta pelos ouvintes, defendendo-se de estereótipos dado pelos não surdos. Em relação a isso, também Perlin (2004) afirma que

dentro dessa receptividade cultural, também surge àquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tornam o corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (PERLIN, 2004, p. 77- 78).

Assim, o povo surdo busca o direito ao reconhecimento de sua identidade, de sua língua e cultura, de forma que sejam aceitos como uma diversidade linguística e cultural. Segundo Skliar, os surdos buscam a

[...] potencialidade como direito à aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; potencialidade de identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos surdos; potencialidade do desenvolvimento de estruturas e funções cognitivas visuais; potencialidade para uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos; e, por último, a potencialidade de participação dos surdos no debate lingüístico, educacional, escolar, de cidadania, etc. (SKLIAR, 1998, p.26).

Neste sentido, a surdez não deve ser vista como “deficiência”, mas como “diferença” que deve ser potencializada. Isto, somente será possível através da mudança de olhar da sociedade em relação às pessoas surdas, e para que se construa o olhar diferenciado é necessário oportunizar conhecer, conviver, compartilhar as diferenças, de forma que sejam entrelaçadas as relações sociais e se construa valores de aceitação e respeito à diversidade, além de políticas públicas que garantam esse direito. Neste sentido Fernandes (1999) afirma que

muito além da dimensão biológica e limitada da surdez encarada como “deficiência auditiva”, “limitação fisiológica” ou “patologia”, que os bancos escolares edificam sob a égide da cientificidade, está a dimensão sócio-histórico-cultural que a caracteriza como *diferença* construída historicamente e, portanto, geradora de identidades múltiplas e multifacetadas (FERNANDES, 1999 *in* SKLIAR, 1999, p. 59).

Diante disso, é necessário que a sociedade compreenda que “a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada” (SKLIAR, 1998, p. 11).

CAPITULO III

LETRAMENTO DIGITAL – NOVAS POSSIBILIDADES PARA OS SURDOS

[...] a escrita deve ser 'relevante' à vida – [...] a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada como uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem.

(Rossana D. L. Arcoverde)

4.1 LETRAMENTO DIGITAL

A modernidade, a globalização e os avanços tecnológicos trouxeram novos recursos que sinalizam a necessidade de uma nova forma de inclusão: a inclusão digital. Esses recursos possibilitaram a interação comunicativa através da *internet* que, disponibiliza informações através de diferentes sites, programas de comunicação, recursos visuais diversos, dentre outros.

A *internet* é um produto pós-moderno e, de acordo com Lévy (1999, p. 32) “as tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço⁸, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”. Através dela, encurtam-se as distâncias, as informações são em tempo real, e os acontecimentos de um determinado lugar têm impacto imediato sobre outros lugares situados a grandes distâncias.

⁸ Segundo Lévy (1999, p.92) ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Segundo Arcoverde,

as tecnologias digitais são mais potencializadoras para a instauração de interações sociais cada vez mais amplas e permitem, por meio das ferramentas de comunicação mediada por computador (e-mail, chat, lista de discussão) uma multiplicidade de dinâmicas lingüístico-discursivas que possibilitam o uso da linguagem (ARCOVERDE, 2006, p. 251).

Para que as pessoas possam usufruir das tecnologias digitais, é preciso que conheçam, dominem essa nova forma de comunicação. Para isso, é preciso primeiramente a inclusão digital, dando acesso e oportunidade a todos e segundo Corrêa (2008, p. 30) “a inclusão digital, muito em razão do seu baixo custo relativo, minora e atenua obviamente as condições de acesso ao bem cultural”; tanto que atualmente no Brasil, já existem programas governamentais que buscam facilitar o acesso e a aquisição de computadores para todos.

Desta forma, é necessário que a população tenha contato com as tecnologias digitais, para que assim, se tornem “letrados digitais”.

Antes de tratarmos propriamente sobre o letramento digital, trazemos para discussão questões referentes ao que é ser letrado. Segundo Bagno (2002) letramento é a capacidade de desenvolver um conjunto de habilidades de leitura e escrita que permitam maior eficácia no uso de técnicas de ler e escrever. Conforme Lodi *et al* (2003, p. 36) ser letrado não pode ser reduzido apenas “à aprendizagem da escrita como código de representação da fala, impondo uma dicotomização entre a oralidade e a escrita”, ser letrado refere-se a muito mais que isso, “ser letrado é participar ativamente de práticas discursiva letradas (orais e escritas) a partir de diversos materiais de circulação social [...]” e para Kato (1987) o desempenho lingüístico pode ser explicado através do letramento da comunidade do qual a criança está inserida.

Assim, Arcoverde (2006) pontua que

escrever é fazer uso de um instrumento cultural e ideológico que permite ao sujeito refletir, elaborar o conhecimento e tomar consciência ideológica de si e do mundo que o rodeia. É antes de tudo fazer-se lido e ler, compreender, responder, perguntar ou argumentar. É usar uma língua, que carrega consigo valores, entonações, estilos, gêneros, e discursos. É, portanto, fazer uso que uma linguagem social, cultural, ideológica, política (ARCOVERDE, 2006, p. 255).

Para a autora, o indivíduo que consegue realizar todas estas atividades, é um indivíduo letrado.

Neste sentido, Kleimam (1995, p.19) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”, sendo que saber ler e escrever está diretamente ligado à participação dos indivíduos, as práticas na sociedade.

Segundo Fernandes (2006, p. 131) a produção da leitura e escrita de forma significativa é letramento - “é prazer, é lazer, é acesso à informação, é comunicação, é, enfim, exercer a cidadania por meio de uma condição, em diferentes práticas sociais”. Notamos, portanto, que o letramento está diretamente ligado às práticas sociais do indivíduo e que é a partir dessas experiências significativas que se aprende e se produz a leitura e a escrita.

Partindo disso, passamos agora a definir o “letramento digital. Para Buzato (2007, p. 144) a alfabetização seria a “aquisição de habilidades básicas para a codificação e decodificação de mensagens por meio de uma certa tecnologia (nesse caso a escrita alfabética)” e “a utilização dessas habilidades e tecnologias para finalidades específicas, em contextos específicos, a qual nos referíamos mais propriamente como um conjunto de letramentos”. Assim, Buzato (2001, p. 85) afirma que “analfabeto tecnológico” ou “iletrado tecnológico” é aquele indivíduo que não dispõe do conhecimento técnico para programar computadores, sendo que o uso do

computador requer muito mais que “folhear” páginas dos livros, pois o indivíduo necessitar ter

conhecimento prévio sobre os diferentes sistemas operacionais, e diferentes programas específicos que funcionam como agentes mediadores entre usuário de máquina. Esta mediação entre leitor e texto, é por excelência, um fator que distingue letramento eletrônico do letramento tradicional (BUZATO, 2001, p. 85).

Conforme o autor é preciso que o leitor domine, ao menos parcialmente, o programa que irá utilizar e “a chave para o domínio de cada um desses programas mediadores é a compreensão das ações que devem ser executadas para que o programa traga o texto a tela”, desta forma, “ainda que não seja condição suficiente para o domínio do agente mediador, o letramento alfabético é indispensável para o letramento eletrônico”. (BUZATO, 2001. p. 86).

Neste sentido, Arcoverde (2007) define como letramento digital

a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e a escrita no meio digital. Para interagir de modo eficiente, o usuário necessita dominar uma série de ações específicas desse meio, a maioria delas envolvendo a língua escrita. Ser letrado representa, assim, a realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem textos, imagens, sons, códigos variados, num novo formato, em hipertexto, tendo como suporte o ambiente digital (ARCOVERDE, 2007, p. 3).

Ainda, segundo Rettenmaier (2008) a leitura no ambiente virtual “demanda novos conhecimentos no campo dos atributos cognitivos do leitor”. Conforme o autor,

para ser, nesse universo, é necessário ler; para se ler, deve-se saber como que opera aquilo que porta, como aquilo deve ser lido, e esses portadores de texto estão sob uma nova ordem, que, de tão movediça, obriga os sujeitos críticos a um constante reaperfeiçoamento. Pois mudam as coisas, mudam as linguagens, muda o mundo. A tela do computador, diferente das páginas dos livros, é sempre uma interface de códigos mutáveis, de exterioridade sempre provisória (RETTENMAIER, 2008, p. 74-75).

Portanto, é necessário que os sujeitos sejam letrados (leitura e escrita), que dominem uma série de habilidades (letramento digital), que estejam sempre se aperfeiçoando, para assim, lidar e interagir nos diferentes contextos digitais que mudam constantemente.

Da mesma forma que ocorre com materiais impressos, não existe letramento eletrônico total, pois neste, além de mudar os tipos de textos, contextos e objetivos específicos da escrita, mudam também os programas mediadores entre leitor e texto (BUZATO, 2001).

Segundo o autor, outro fator importante é que o letramento digital está diretamente ligado a prática do leitor com computadores e programas, sendo que a vivência prática do sujeito é determinante para a aquisição do letramento eletrônico (BUZATO, 2001).

Desta forma, é imprescindível para o letramento digital, a familiarização com computadores, programas diversos e *Internet* para que as pessoas possam interagir, ter acesso às informações *online* e para que, segundo Rettenmaier (2008, p. 72) os usuários possam “agregar ao próprio desempenho a necessidade de possuir determinadas competências para operar na rede, para surfar entre as páginas, para mergulhar em determinados ambientes, para operar em interfaces cada vez mais desafiadoras e complexas”.

4.2 ORKUT – UMA NOVA POSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO PARA OS SURDOS.

O *Orkut* é um site que funciona como uma rede de relacionamento virtual onde se pode conhecer pessoas, reencontrar amigos que há tempos não vê, paquerar e manter contato com esses amigos através de mensagens, fotos,

recados... enfim, interagir com uma rede de amigos. Para ser membro do *Orkut*, faz-se necessário abrir a sua conta no Google e cadastrar-se com os dados pessoais.

O *Orkut* surgiu no início de 2004, criado por um funcionário da Google, o programador *Orkut* Buyukkokten que lançou o site e este, rapidamente tornou-se uma teia de pessoas, ligadas por algum tipo de amizade, normalmente iniciada fora da *internet*. Assim, o *Orkut* tornou-se popular pelo mundo todo. No Brasil, o *Orkut* chegou em junho do mesmo ano e “virou febre”, principalmente entre os jovens. Segundo Corrêa (2008, p. 31) “em 31 de maio de 2006, havia 19 milhões e 518 mil usuários, sendo que 69,73% dos usuários eram brasileiros (conforme dados do próprio *Orkut*), significando que 13 milhões e 600 mil ou quase 63% de todos os usuários brasileiros de internet”, isso demonstra que realmente o *Orkut*, como tido anteriormente, “conquistou”, os jovens no Brasil.

Segundo Fernandes e Oliveira (2008) o

orkut, uma das principais redes digitais de socialização do século XXI, tem por objetivo viabilizar as relações sociais envolvidas em ambiente virtual. Ele é composto por duas partes: as páginas pessoais dos usuários e as comunidades. A página pessoal é formada pelo perfil do usuário, que disponibiliza fotos, arquivos de vídeos, depoimentos, recados, eventos e algumas informações particulares divididas em três categorias – social, profissional e pessoal – e que podem ser acessadas e visualizadas por todos os membros do *orkut* (FERNANDES; OLIVEIRA, 2008, p. 2).

Existe no *Orkut*, um estatuto da comunidade, em que as pessoas, que são membros, devem conhecer e respeitar. Dentre as diretrizes desse estatuto, salienta-se o objetivo de proteger a privacidade, os direitos legais e a satisfação dos membros do *Orkut*, incentivando as interações abertas entre pessoas reais. As contas não devem ser utilizadas para fins comerciais e nem publicar, transmitir ou conter material como pornografia dentre outros que violem as leis do mundo real.

Através do *Orkut* você cria uma rede social em que as pessoas aproximam-se por vários propósitos e, esta aproximação se dá por amigos ou comunidades. No site você pode enviar recados, mensagens, depoimentos, convites, colocar fotos, criar comunidades ou se tornar membro de uma comunidade que você se identifica. Existem diversas comunidades, como por exemplo, a comunidade “Eu amo chocolate”, “Intérpretes de língua de sinais”, “Eu amo vôlei”, dentre outras. O “orkuteiro⁹” pode tornar-se membro de uma ou criar sua própria comunidade e, as pessoas que tem afinidade com o assunto, podem se tornar membros. Segundo Corrêa (2008, p. 31) “o sistema de comunidades ou grupos no *Orkut* é outro dos mais interessantes fenômenos da internet”, pois os *internautas* se aproximam devido a algum assunto em comum. “O *Orkut* permite a criação de grupos, lembrando muito geocities, onde se reúnem usuários interessados em algum assunto; a lista é bastante variada e abrange todos os gostos, pois são os próprios usuários que criam” (CORRÊA, 2008, p. 31).

Conforme Foggetti (2008) as comunidades são criadas a partir da seguinte estrutura:

a estrutura básica de uma comunidade é constituída pela descrição dos seus objetivos, seguidas por informações como categoria (Empresa, Música, Viagens, etc.), o dono, data de criação, números de membros e outras. No centro da tela, abaixo da descrição é possível acessar todos os tópicos criados desde a abertura da comunidade. Cada tópico pode receber infinitas mensagens, as quais têm um número limitado de caracteres (2048) e por isso, constituem um discurso sucinto, muito próximo da oralidade. No canto superior direito encontram-se os membros e logo abaixo, outras comunidades relacionadas pelo dono que, seja por afinidade do assunto ou por mera propaganda, possibilitam o contato com mais uma infinidade de grupos, numa associação de cadeias (FOGGETTI, 2008, p. 50).

⁹ Neologismo utilizado para designar pessoas que interagem e transitam no Orkut.

Assim, depende da criatividade do “orkuteiro” a criação de novas comunidades e estas, possibilitam a construção de uma grande teia.

Verificamos abaixo, como é a página inicial do *Orkut*.

Figura 1 – Estrutura da página inicial do *Orkut*

The screenshot displays the Orkut homepage for a user. The top navigation bar includes links for 'Início', 'Perfil', 'Página de recados', 'Amigos', and 'Comunidades', along with the user's email 'e-mail@email.com' and a search bar labeled 'pesquisa do orkut'. The main content area is divided into several sections:

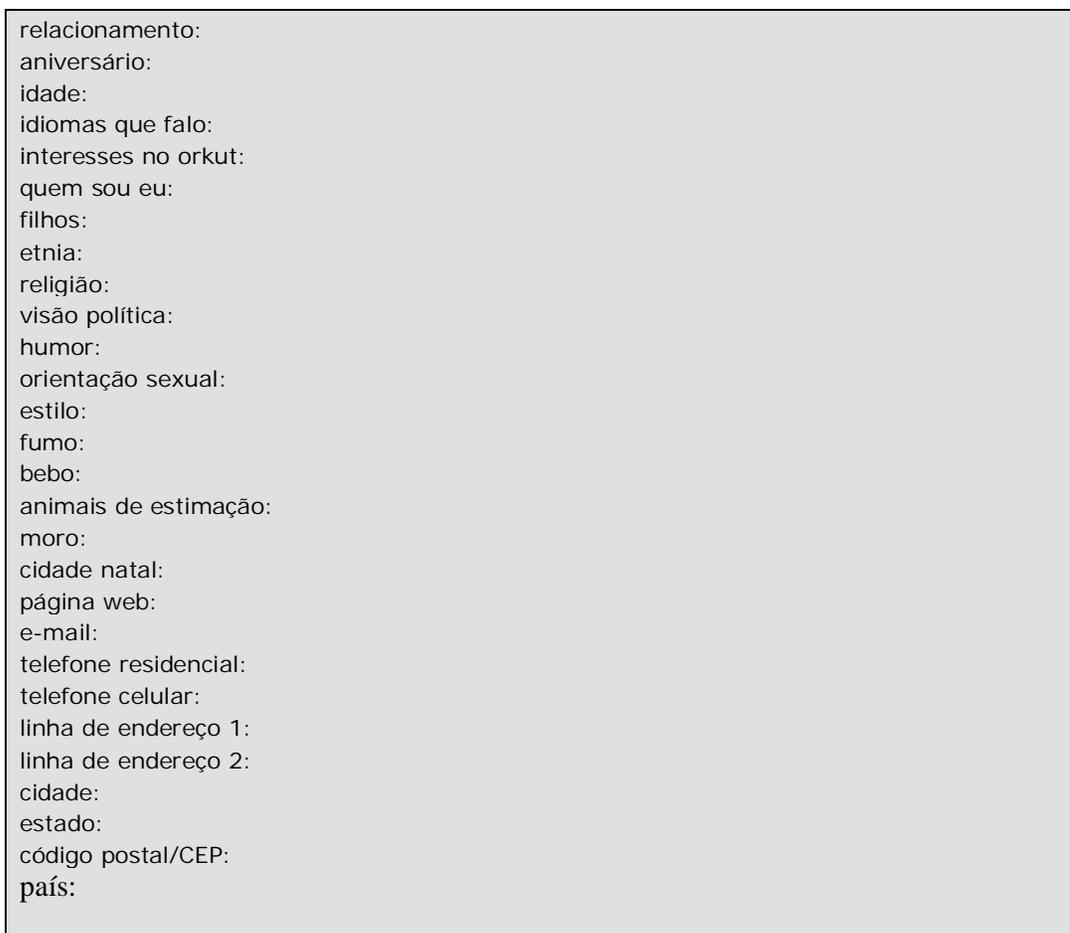
- Left Sidebar:** Features a 'Foto' placeholder, a status indicator 'disponível', and a list of navigation options including 'perfil', 'recados', 'fotos', 'vídeos', 'depoimentos', 'eventos', 'promova', 'Apps' (with examples like BuddyPoke and Sou Corinthia), 'listas', 'mensagens', 'atualizações', 'configurações', and 'spam'.
- Top Section:** A 'Bem-vindo' message with a search bar for 'perfil' and an 'editar' button. Below it are statistics for 'recados' (2), 'fotos' (96), 'fotos comigo' (42), 'filas' (101), and 'mensagens' (0). It also shows 'Visualizações de perfil:', 'Visitantes recentes:', and a 'Sorte de hoje' quote: 'Um homem sem conhecimento é como um selvagem da floresta'.
- Middle Section:** A 'solicitações de novos amigos (1)' section.
- Bottom Section:** 'próximos aniversários'.
- Right Sidebar:** Contains 'meus amigos (416)' with a search bar, and 'minhas comunidades (64)'. Both sections include links for 'ver todos', 'gerenciar', and 'encontrar mais amigos'.
- Footer:** A 'convidar amigos' section with an email input field and 'enviar'/'mais' buttons. Below it are tabs for 'Atualizações dos meus amigos' and 'Minhas atualizações', with a 'ver mais' link and an 'editar configurações' link.

The footer of the page includes the Orkut logo, links for 'Sobre o orkut', 'Acesse orkut.com', 'Blog', 'Desenvolvedores', 'Central de segurança', 'Privacidade', 'Termos de uso', 'Publicidade', and 'Ajuda', along with the Google logo.

Fonte: www.orkut.com

Quando o sujeito se torna membro do *Orkut*, o passo seguinte é fazer o seu perfil no site. Para “montar” o perfil, o usuário preenche um formulário, não sendo obrigatório responder tudo o que é proposto. No formulário encontramos:

Figura 2 – Modelo do formulário do Perfil do usuário no *Orkut*



relacionamento:
aniversário:
idade:
idiomas que falo:
interesses no orkut:
quem sou eu:
filhos:
etnia:
religião:
visão política:
humor:
orientação sexual:
estilo:
fumo:
bebo:
animais de estimação:
moro:
cidade natal:
página web:
e-mail:
telefone residencial:
telefone celular:
linha de endereço 1:
linha de endereço 2:
cidade:
estado:
código postal/CEP:
país:

Fonte: www.orkut.com

Outras ferramentas existentes no site são os recados em que se pode enviar e receber mensagens e estas ficam expostas em seu *Orkut* tornando-se públicas, a não ser que a pessoa exclua esses recados. Temos também o botão depoimentos, em que as pessoas podem deixar depoimentos para seus pares. É possível também colocar fotos no *Orkut*, e estas ficam visíveis para toda a rede de amigos. Pode-se

através do site procurar amigos; convidar amigos; colocar vídeos; conferir no tópico “visitantes recentes” quais as pessoas que entraram em seu *Orkut* recentemente; participar e criar novas comunidades.

De acordo o professor Sílvio Demétrico (*apud* OLIVEIRA, 2006, p. 24) “O *Orkut* é um simulacro de uma praça pública” é “uma manifestação essencialmente pós-moderna, no sentido que ele simula as identidades e, assim, torna-se o simulacro de encontro”.

Para Medeiros (2008, p. 65) “o foco do *Orkut* baseia-se em três aspectos, intimamente ligados: a conectividade, a visibilidade e a interatividade/comunicação”. Para estar conectado, o primeiro passo é ser membro do *Orkut*. A visibilidade refere-se a “possibilidade do usuário permitir que os membros cadastrados vejam todas as suas informações e conexões”. A exposição do usuário é inevitável, porém poderá ser semi controlada se o usuário tornar os itens página de recados e perfil, reservados apenas para a rede de amigos. A interatividade/ comunicação, no *Orkut*, acontece através das mensagens, recados e comunidades (MEDEIROS, 2008).

Através do *Orkut*, viabilizou-se um novo canal de comunicação em que é possível através de “conversas digitais”, estar continuamente trocando informações e experiências com outras pessoas e com o mundo. Foggetti (2008) enfatiza que o meio virtual atrai porque proporciona a liberdade de criação a seus usuários, dando a idéia de prazer e diversão.

O *Orkut* refletiu positivamente na vida da pessoa surda – pois transpôs as barreiras da comunicação – veio de encontro a uma das dificuldades tidas pelas pessoas não ouvintes: a comunicação entre surdos e/ou ouvintes, situados a alguma distância.

Os surdos, de qualquer parte do mundo, através do *Orkut* podem comunicar-se, e, isto se dá por interesses próprios, como prática social. Desta forma, a língua portuguesa torna-se uma necessidade aos surdos, pois é através dela que é possível a comunicação com outras pessoas em “conversas digitais”. Segundo Arcoverde (2007, p.2) as interações sociais no ambiente digital “favorecem o envolvimento de seus usuários no uso social da linguagem escrita, como uma prática de letramento efetiva”.

Outro recurso interessante do *Orkut* para os surdos, é que nele podem ser anexadas fotos diversas e, como o mundo do surdo é visual, com certeza este recurso é um atrativo a mais para a interação comunicativa e social.

Desta forma, como qualquer outra pessoa, os surdos vêm modernizando-se e apropriando-se das novas tecnologias em seu benefício e com isso, aprendendo cada vez mais a língua portuguesa, interagindo cada vez mais com outras pessoas, trocando informações de maneira rápida e eficaz. Neste sentido,

os recursos das tecnologias digitais representam um instrumento mediador valioso para o encontro social entre surdos e ouvintes na sociedade digital. Neste contexto, surdos e ouvintes se integram socialmente, interagem e compartilham linguagens e conhecimentos a partir dos elos significativos que vão se formando na dinâmica da rede (ARCOVERDE, 2007, p. 2).

O ambiente virtual atrai os internautas, pois, nestas comunidades virtuais, é possível criar livremente, escolher, interagir de forma prática e eficaz com os usuários, expor pontos de vista e escrever a cobrança dos bancos escolares. Neste espaço, como afirma Rettenmair (2008) é possível oferecer um “cafezinho digital” e bater um bom papo ou poderíamos dizer, na gíria da internet, “tc” - teclar, conversar virtualmente, interagindo de forma criativa e prazerosa.

4.3 SUJEITO SURDO BILÍNGUES ENTRE LIBRAS, O PORTUGUÊS E O “INTERNETÊS”

Como abordamos no Capítulo II, os surdos são considerados pessoas bilíngues, pois transitam entre duas línguas - a Libras e a língua portuguesa, e o que caracteriza isso, é a complementaridade dos usos da língua de sinais e da língua portuguesa. Sendo assim, a situação ideal de bilinguismo seria a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda.

O aprendizado da língua portuguesa “depende da função social atribuída a essa segunda língua nas relações cotidianas do aprendiz, e não apenas da imposição de uma proposta política ou escolar planejada” sendo que “o letramento no português é dependente da constituição de seu sentido na língua de sinais” (FERNANDES, 2006, p. 122). Neste sentido percebemos que a interação dos surdos em ambientes digitais, ressignifica o aprendizado da língua portuguesa, pois

as tecnologias digitais permitem aos surdos, assim como aos ouvintes, introduzirem, espontaneamente, na língua que estão usando para se comunicar e, inscrevendo-se numa atividade enunciativo-discursiva, ressignificar sua escrita fazendo um uso social da linguagem. Permitem que, num sentido mais amplo, tenham a oportunidade de interagir e aprender, independente de sua condição física (ARCOVERDE, 2006, p. 256, grifos meus).

Através das interações digitais, os surdos vivenciam a língua portuguesa através de práticas sociais significativas da linguagem escrita e isso, favorece a apropriação da língua portuguesa num uso efetivo. Assim

a escrita, através da internet, possibilita ao surdo escrever o português e pensar em português, fazendo uso social da linguagem escrita incorporada a uma necessidade discursiva. Neste caso, podemos verificar que os surdos, quando vivenciam esta experiência, podem penetrar numa situação concreta de enunciação e usar a linguagem escrita em língua portuguesa para interagir com os outros. (ARCOVERDE, 2006, p. 256)

Dessa forma, os surdos passam a escrever, interagindo com os internautas por motivação própria, e a partir dessa interação, é possível analisar seus discursos de forma peculiar.

No entanto, é importante ressaltar que a estrutura da língua de sinais difere-se da língua portuguesa, e isso é refletido na escrita dos surdos. Segundo Galafassi (2007, p. 30) “em geral, o surdo baseia-se na língua brasileira de sinais (Libras) para escrever, vestígios dessa língua aparecerão na sua escrita [...]”.

A partir de estudos realizados, analisando diversos textos de alunos surdos, Fernandes (1999) elaborou, de forma sistematizada, algumas das principais características da escrita dos surdos. Desta forma, a autora trata que os surdos incorporam bem a ortografia e a acentuação de palavras na língua portuguesa, devido à capacidade visual; porém, apresentam dificuldades nas questões relacionadas à pontuação, pois esta está vinculada ao domínio da oralidade. Na língua de sinais, não existem artigos, portanto, estes são omitidos na escrita ou utilizados inadequadamente. Os elementos de construção da coesão do texto (preposições, conjunções, etc.) têm uso inadequado ou estão ausentes nas produções dos surdos, pois são inexistentes na LIBRAS. Em língua de sinais, há ausência de gênero (masculino / feminino) e número (singular / plural) e isto se reflete na escrita. Os verbos apresentam-se sem flexão de tempo e aparecem, normalmente, na escrita dos surdos, em sua forma infinitiva. A flexão de tempo em LIBRAS é expressa através das relações espaciais passado, futuro e presente. A organização sintática os enunciados escritos dos surdos, são geralmente curtos, sendo que a estrutura aplicada depende do contexto e da ênfase que se dá àquilo que se quer destacar. Em LIBRAS, a organização sintática básica é SVO (sujeito – verbo - objeto), porém podem ocorrer diferenças como OSV (objeto – sujeito –

verbo) e OVS (objeto – verbo – sujeito). Normalmente, a negação em língua de sinais, ocorre após a forma verbal (FERNANDES, 1999, p. 4 -7).

Diante disso, é de suma importância que estes aspectos sejam observados e reconhecidos na escrita dos surdos como parte integrante do aprendizado da segunda língua. Segundo Fernandes (1999)

isto significa que em diferentes estágios de sua escolarização, sua produção escrita estará sujeita a diferenciações: nas etapas iniciais ela estará muito mais marcada pelas características da língua de sinais, nas etapas finais deste processo, mesmo com peculiaridades, ela estará mais próxima do português (FERNANDES, 1999, p. 8)

Assim, quanto mais o surdo interagir com a língua portuguesa, melhor e mais próximo estará da escrita do português. Para Arcoverde (2006), as conversas digitais tornaram-se aliadas para o aprendizado da segunda língua, sendo que

os recursos das novas tecnologias digitais podem, portanto, ser utilizadas como instrumentos no processo de apropriação da linguagem escrita em língua portuguesa (ARCOVERDE, 2006, p. 255).

E isto somente é possível, pois, esta nova forma de comunicação apresentou-se de maneira significativa para os surdos, em que os enunciados se entrecruzam produzindo um encontro dialógico. Ainda segundo a autora,

[...] a interação vivida no contexto digital é um caminho que deve ser tecido pouco a pouco, dia a dia, *byte a byte* e que pode constituir surdos e ouvintes sem interlocutores efetivos que compartilham experiências, conhecimentos e linguagens sociais. As conexões estabelecidas formam os fios dialógicos e ideológicos necessários para o encontro plurilíngüe de enunciados, de vozes, entonações, de temas e de pontos de vistas, abrindo-se, assim, novo espaço de interação social para o surdo (ARCOVERDE, 2006, p. 264, grifos meus).

Diante disso, Foggetti (2008, p. 58) pontua que o “*Orkut* permite ao leitor experimentar na prática (concretizar) o que sua leitura individual já produzia, silenciosamente, a construção de um novo texto” desta forma, ainda segundo a autora “o *Orkut* mostra-se assim um território fértil a ser explorado no que concerne a criação de vozes narrativas e mais especificamente, de narrativas do eu”, vozes essas, que trouxeram um novo sentido para a aprendizagem da escrita às pessoas surdas.

Além de toda esta diferenciação de estruturas e modalidades da língua de sinais e língua portuguesa, juntamente com as “conversas digitais”, surge uma nova forma que escrever que vem sendo utilizada na internet, uma forma de comunicação mais rápida, refletida em uma nova ortografia, mais simples, com o uso de abreviações. Várias palavras são escritas da forma que são pronunciadas, perdendo letras e/ou sendo escritas de forma abreviada. Segundo Freire (2003, p. 196) “o uso progressivo do computador tem mudado a maneira de nos relacionarmos com a escrita e com a leitura”. Alguns exemplos disso são:

Escrita “internetês”	Significado
<i>add</i>	adicionar
<i>akba</i>	acabar
<i>axa</i>	acha
<i>axim</i>	assim
<i>blz</i>	beleza
<i>bjus; bjos</i>	beijos
<i>c</i>	se
<i>eh</i>	é
<i>entaum</i>	então

<i>humm; hmmm</i>	pensando
<i>hahaha; kkkkk;</i>	gargalhadas
<i>kbça</i>	cabeça
<i>keró</i>	quero
<i>msg</i>	mensagem
<i>mto</i>	muito
<i>migo, miguxo (a)</i>	amigo
<i>qdo</i>	quando
<i>qtc</i>	quer teclar?
<i>rs; eheh;</i>	risos
<i>tc</i>	teclar
<i>td</i>	tudo
<i>tb</i>	também
<i>t+</i>	até mais
<i>tow</i>	estou
<i>9dade</i>	novidade
<i>v6</i>	vocês
<i>vc</i>	você

Quadro 1 - Exemplos utilizados na escrita dos “internetês”

Juntamente com essa nova forma de escrita, os “internetês” utilizam-se de recursos visuais chamados de *emoticons*, pequenos ícones que são utilizados para representar diferentes emoções. Segundo Gracês (2007, p.16) “tais elementos emotivos podem ser expressos na modalidade escrita e já fazem parte de um vocabulário recente bastante específico da internet”. Dentre os *emoticons*, destacamos:

Emoticons	Significado
;-) ;->	piscar
:-) ☺ :o)	alegria, felicidade, satisfação
:-(:-(:-(:-(⊗	tristeza, despondido
:-x :-*	mandando beijo
:-)))	gargalhando
:-D	rindo
:’-(:,-(chorando
x-)	timidez, vergonha
:-@	gritando
:-O	chocado; surpreso

:-/	perplexo
[]' s ((()))	abraços
>:-)	sorriso malicioso
= P	carinha de olhos fechados e língua de fora = alegria.
: P	a letra P é a boca com a língua de fora = alegria, ansiedade.
:~(dúvida, despontamento.
-o	bocejando
: -“	assoviando

Quadro 2 – Exemplos de *emoticons*
Fonte: Adaptado de GAZETA (2000)

Diante disso, percebemos que o ambiente digital além de propiciar aos surdos o aprendizado da língua portuguesa escrita de forma significativa e de uma cultura eletrônica, favorece uma nova forma de comunicação – a escrita dos “*internetês*”– que está cada vez mais difundida nas “conversas digitais”. Se esta nova forma de comunicação foi incorporada pelos surdos, é o que pretendemos verificar e analisar no próximo capítulo que trata sobre as postagens e análise do *corpus*.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de realizar a pesquisa propriamente dita, é necessário mapear a forma que a pesquisa será realizada, traçando um plano de ação a ser executado, a fim de que se tenha clareza dos passos a serem seguidos, de modo que os objetivos propostos sejam atingidos, sem perder-se em meio às informações coletadas. Em uma pesquisa, nada é ao acaso, tudo deve ser previsto e planejado, desde a escolha do tema, a elaboração dos objetivos, determinação da metodologia, coleta de dados, análise e interpretação dos dados (GIL, 2002).

De acordo com Soriano (2004, p. 140), é necessária “a escolha dos métodos, a adequação das técnicas e o projeto dos instrumentos que tornem possível a coleta de informação válida e confiável para provar as hipóteses e fornecer um conhecimento objetivo e completo do fenômeno pesquisado”, possibilitando assim, que a pesquisa possa responder as inquietações sobre o tema abordado.

Neste sentido, é necessário explicitar que tipo de pesquisa se pretende realizar, qual população será investigada, que instrumentos serão utilizados para a coleta de dados, como será feita a análise e interpretado os dados coletados na pesquisa para posterior considerações finais da pesquisa.

Assim, observando as questões abordadas, temos claro que a pesquisa aqui apresentada é de cunho interpretativa do tipo estudo de caso etnográfico, sendo analisado, a partir dos diálogos disponibilizados no *Orkut*, como os sujeitos surdos

transitam pela língua portuguesa, como se dá interação desses sujeitos, bem como questões referentes ao bilinguismo e à comunidade surda.

A escolha dos sujeitos analisados inicialmente foi aleatória, sendo definidos, inicialmente, 14 (catorze) sujeitos surdos que transitavam ou interagiam no *Orkut*. No entanto, percebeu-se que este era um número bastante expressivo e delimitou-se para 6 (seis) sujeitos surdos, direcionando a escolha dos sujeitos de maneira que se privilegiasse surdos com escolaridade de segundo grau e terceiro grau. Cabe lembrar que por questões históricas e metodológicas, muitos surdos chegaram à escola com idade avançada e, diante disso, ressaltamos os surdos participantes desta pesquisa são todos maiores de idade, não cabendo autorização dos pais para a participação na pesquisa. Desta forma compomos os sujeitos da seguinte maneira: três sujeitos surdos no ensino médio e três sujeitos cursando o ensino superior; isto para que se pudesse traçar um parâmetro de como a cultura surda, a identidade e a língua portuguesa se apresenta nos sujeitos com diferentes níveis de escolaridade.

A coleta de dados foi realizada através das narrativas (diálogos) postadas no *Orkut*. A coleta foi realizada durante os anos de 2008 e 2009, sendo que as narrativas coletadas iniciam com data de 10/09/2007 e isso foi possível, pois os diálogos permaneceram salvos no *Orkut*. Durante esse período, realizou-se também, uma pesquisa através de uma pergunta, postada no *Orkut* de cada sujeito, solicitando se os mesmos consideravam-se bilíngues e por quê?

É importante lembrar que o site do *Orkut* é público, e as informações ficam expostas a todos. Porém, mesmo assim tivemos a preocupação em solicitar aos usuários a permissão para a coleta e divulgação das informações, enviando cartas-convite aos sujeitos, sendo que estas traduzidas, por um intérprete, para a língua de sinais.

O trabalho foi realizado através de referencial bibliográfico na área da pesquisa para assim embasar teoricamente a pesquisa; através de estudo de caso abordando, seis sujeitos surdos, sendo que a interação com este sujeito aconteceu virtualmente sendo o campo de pesquisa a página do *Orkut*; e através da coleta de textos narrativos (diálogos) de pessoas surdas postados no *Orkut*.

A metodologia não segue os parâmetros convencionais das pesquisas, pois a coleta de dados é realizada em uma página da *web*, num campo de pesquisa virtual, sem a interação física com o sujeito, mas através da interação virtual na página do *Orkut*.

1.1 CLASSIFICAÇÃO DO TIPO DA PESQUISA

A pesquisa abordada é de cunho qualitativa, pois a relação real entre o mundo e o sujeito, envolve a obtenção de dados descritivos que são obtidos através do contato do pesquisador com a situação estudada, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes (LUDKE E ANDRÉ, 1986), interpretando assim, o ponto de vista dos sujeitos surdos, aspectos da comunidade a qual pertence e a interação com a língua portuguesa. É do tipo estudo de caso etnográfico, pois a pesquisa tipo estudo de caso, segundo André (1995), gera “a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis”, visando desta forma à descoberta, enfatizando a interpretação em contexto, retratando a realidade de forma completa e profunda, usando uma variedade de fontes de informação,

apresentando os diferentes pontos de vista presentes numa situação social. (ANDRÉ, 1995). A Abordagem etnográfica, conforme André (1995) propõe que a pesquisa estude a cultura e a sociedade. Ainda segundo a autora, a pesquisa etnográfica, propõe um trabalho de campo, uma aproximação do pesquisador e do contexto pesquisado, uma observação participante, entrevista e análise de documentos, sendo pesquisador instrumento principal de coleta de dados, dando-se ênfase ao processo e não no resultado final. A etnografia preocupa-se com o significado que tem as ações para os grupos estudados, com a maneira que as pessoas se vêem, suas experiências e com o mundo que as cerca (ANDRÉ, 1995). Assim, tivemos nesta pesquisa, um plano de trabalho aberto e flexível, havendo uma revisão constante das técnicas de coleta de dados, reavaliando instrumentos e procedimentos, visando assim, a descoberta de novos conceitos. A escolha pela pesquisa etnográfica deve-se a ênfase que este tipo de pesquisa dá a interpretação dos dados em um contexto, sendo possível retratar a realidade de forma completa e profunda.

Conforme mencionado anteriormente, o estudo de caso aqui apresentado se dá num campo de pesquisa diferenciado dos demais abordados na metodologia da pesquisa, pois se refere a um campo virtual que ainda não é apresentado nos tipos de pesquisa que a metodologia da pesquisa pressupõe. Isso deve-se ao fato de que com o surgimento das redes de computadores, da *internet*, as relações mudaram – salas de vídeo conferência, *web* conferência, entre outros – e com isso, é necessário também, a mudança das perspectivas da metodologia da pesquisa, pois hoje é possível estudar ambientes virtuais, assim, é preciso aprofundar estudos sobre o campo virtual para as pesquisas.

Segundo Flick (2008, p. 36), a pesquisa qualitativa é permeada pela “concentração nos pontos de vista do sujeito e no significado que eles atribuem às experiências e eventos”, assim, buscamos interpretar os dados coletados em relação à postura dos sujeitos diante da comunidade, a cultura e identidade surda, bem como da interação dos sujeitos com a língua portuguesa e com outros sujeitos surdos. Desta forma, analisa-se “a questão de como as pessoas produzem a realidade social no processo interativo e através deste” (Garfinkel, 1967 *apud* Flick, 2008, p.36).

Assim, os dados são buscados através do contato com o contexto estudado, que André (1995, p.17) conceitua como “o estudo do fenômeno em seu acontecimento natural”, ou seja, em seu contexto natural de interação entre os sujeitos, mesmo que esta interação seja de maneira virtual. Portanto, na coleta de dados realizada no site do *Orkut*, encontramos diálogos entre os sujeitos que se deram através da interação espontânea dos indivíduos.

A pesquisa interpretativa é permeada por abordagens de pesquisas que se diferem em suas suposições teóricas. Sendo assim, parece-nos mais apropriada para esta pesquisa a postura teórica do interacionismo simbólico que de acordo com André (1995, p. 18), “assume como pressuposto que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma, mas à medida que o indivíduo interage com o outro”. Assim, é através das interações sociais na escola, família, trabalho, dentre outras, que se constroem os significados, a visão da realidade e do mundo que nos cerca.

Concordando com esta concepção, Filck (2008, p. 33) define o interacionismo simbólico, como o “estudo dos significados subjetivos e das atribuições individuais do sentido”, pois o ponto de partida consiste nos “significados subjetivos que os

indivíduos atribuem a suas atividades e seus ambientes”, neste caso, ressaltamos o significado que os sujeitos surdos passaram a atribuir ao aprendizado da língua portuguesa no ambiente virtual.

Segundo Blumer (1969 *apud* Filck 2008, p. 34), o interacionismo simbólico possui três premissas, das quais elencamos a primeira e a segunda relacionadas diretamente com o nosso objeto de estudo. Na primeira Blumer (1969 *apud* Filck 2008, p. 34) afirma que “os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles”. Em relação a isso, podemos dizer que os surdos começaram a interessar-se pela língua portuguesa escrita, a partir do momento em que esta língua passou a ter sentido, significado em sua vida. Ainda Blumer (1969 *apud* Filck 2008, p. 34) em sua segunda premissa afirma “que o significado dessas coisas provém, ou resulta, da interação que se tem com o outro”. Assim, podemos dizer que foi a partir da interação comunicativa que os surdos tiveram no ambiente virtual, que se deu o significado e a importância da língua portuguesa para eles.

De acordo com Joas (1987 *apud* Filck 2008, p. 34) o interacionismo simbólico “tem por foco processos de interação - ação social que se caracteriza por uma orientação imediatamente recíproca”. No caso desta pesquisa, o foco também está na interação dos sujeitos surdos com a comunidade surda, com a identidade surda e com a língua portuguesa escrita.

1.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Antes de iniciar a descrição dos sujeitos, é importante salientar que os nomes dos sujeitos são fictícios, foram utilizados codinomes a fim de que a identidade dos sujeitos surdos seja preservada. Ressalto também que aqui apenas apresentamos os sujeitos de forma geral, sendo que o perfil completo de cada um será apresentado no capítulo V, conforme informações coletadas no *Orkut*.

1.2.1. Descrição dos sujeitos

Mateus

Mateus, 19 anos. Parou de estudar em 2008, quando cursava o ensino médio.

Paula

Paula, 19 anos. Estudante do 2º ano do curso de magistério.

Jonas

Jonas, 20 anos. Estudante do 3º ano do ensino médio. Mora em Barretos – SP.

Luis

Luis, 20 anos. Graduando do terceiro período do curso Sistemas de Informação - na UTFPR.

Amanda

Amanda, 29 anos. Graduando do terceiro período do curso Letras – Libras, em Dourados.

Vinícius

Vinícius, 31 anos. Graduando em Letras - Libras – no pólo da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

1.3 ANÁLISE DO *CORPUS*

A análise do *corpus* foi realizada em quatro partes. Na primeira, analisamos o perfil de cada sujeito no Orkut. Em seguida com quais comunidades do *Orkut* o sujeito surdo interage. Após, analisamos a questão do bilinguismo, se o sujeito surdo se reconhece como pessoa bilíngue. Esse dado foi coletado através do questionamento feito aos sujeitos selecionados, solicitando que respondessem a seguinte pergunta: Você se considera uma pessoa bilíngue? Por quê?

Por último, verificamos as postagens dos surdos no *Orkut*, analisando se a escrita dos sujeitos surdos tem alguma especificidade, se o português escrito se aproxima ou se distancia dos sujeitos ouvintes e se a escrita em comunidades selecionadas do *Orkut* está em português ou “internetês” e o que isto significa para os surdos.

Resumindo, o *corpus* da presente investigação é composto por dados coletados no *Orkut* dos sujeitos: no perfil, nas comunidades das quais fazem parte e nas postagens deixadas no *Orkut*.

CAPÍTULO V

O CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO:

POSTAGENS NO *ORKUT* E ANÁLISE DO *CORPUS*

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 45) “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa”. Assim, para procedermos à análise dos dados coletados no site do *Orkut* dos sujeitos, organizamos todo o material coletado, dividindo-o em partes, nos propondo a analisar cada parte, buscando atingir os objetivos propostos para cada uma delas, para posteriormente, feita todas as análises, confrontar as informações, triangulando os dados, interpretando-os significativamente a fim de responder aos objetivos propostos, fazendo as considerações sobre a pesquisa, pois, segundo Lüdke e André (1986, p. 45) a “tarefa de análise, implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele as tendências e padrões relevantes”.

Diante disso, os dados coletados foram divididos da seguinte forma: análise do perfil de cada sujeito apresentado no *Orkut*, comunidades do *Orkut* as quais estes sujeitos fazem parte, se os sujeitos consideram-se bilíngues e postagens/narrativas apresentadas no *Orkut* de cada sujeito.

Dessa forma, apresentaremos no perfil dos sujeitos, a postagem fiel dos dados encontrados no *Orkut* de cada participante da pesquisa.

Mateus - 19 anos. Parou de estudar em 2008, quando cursava o ensino médio.

Perfil

relacionamento: namorando

aniversário: 16 dezembro

idiomas que falo: Português

interesses no orkut: companheiros para atividades, contatos profissionais

quem sou eu:

→..... **ATTENTION**.....←

→..... **ATTENTION**.....←

→..... **ATTENTION**.....←

Loading. . .



98%

► **OLHA, Eu sou SurdO→(nãO MudO)**

Who is me!!!

I am medium brown, high, I have 1,85m, weight 74Kg, I have eyes and hair dark chestnut, I adore to use a tuft in the fringe and adore soccer...

You look at community... Mine you can you add community to me...ok!!!

etnia: Índias Orientais

religião: Cristão/católico

visão política: depende

fumo: não

bebo: socialmente

animais de estimação: não gosto de animais de estimação

moro: com meus pais

esportes: Futsal e Mesa tênis

atividades: Especial

livros: Jornal

música: NãO GostO

programas de tv: TudO Brasil Jornal

filmes: PerigO, mortal e mal etC...

cozinhas: Pizzaria, Carne e QueijO

cidade: med-city

estado: PR

código postal/CEP: 85884000

país: Brasil

Analisando o perfil de Mateus, percebemos que o mesmo, inicia com letras vermelhas escrevendo três vezes a palavra “ATTENTION”, de forma a chamar a atenção do *orkuteiros*, e em seguida, aparece “*OLHA, Eu sou SurdO→(nãO MudO)*”. Nesta frase, percebemos que o surdo pede a atenção do internauta, afirmando “Olha” e em seguida afirma que é surdo, salientando a questão de que é surdo, mas

não mudo. Há na comunidade surda, divergências na política identitária¹⁰, em que alguns grupos reivindicam ser chamados de surdos, pois, segundo eles, este termo reconhece sua língua, identidade e cultura. Não querem ser chamados de “mudo”, pois afirmam que ter voz. O termo “mudo” é pejorativo, salientando uma deficiência que não é a da pessoa surda. Como Bergamaschi e Martins (1999) afirmam o termo surdo compreende a especificidade do povo surdo e a sua cultura, por isso é a terminologia mais adequada a ser utilizada.

Além de utilizar a língua portuguesa escrita, percebemos que o sujeito utiliza a língua inglesa, apresentado nessa língua, informações referentes a aspectos físicos e lazer. Logo abaixo, em inglês, solicita ao orkuteiro que “olhe” a sua comunidade e o adicione.

Em seguida, na resposta dada ao tópico Música, o sujeito afirma que não gosta de música, demonstrando a não importância da música, sem deixar explícito que não seria possível, enquanto surdo, ouvir uma música. No tópico Cidade, percebemos que o sujeito mescla uma abreviação do nome da cidade Medianeira, para “Med” e em seguida utiliza o termo “city”, para cidade, formando uma palavra composta. Essa questão da escrita da língua portuguesa sofre influência dos “internetês”.

Paula - 19 anos. Estudante do 2º ano do curso de magistério.

Perfil

relacionamento:namorando
aniversário:10 maio
idade:19
quem sou eu:oi prazer...

¹⁰ Existe o movimento pró-surdos-mudos, que reivindica a utilização da terminologia “surdo-mudo”.

nome: Paula
 apelido: claly
 mas pode me xamar de Caly de preferencia. =D
 eu sou surda ..

**NÃO ADD QUEM EU NÃO CONHEÇO
 E SE ADD DEIXA SCRAP!**

(ingles)

Hi pleasure ...

name: Paula

nickname: caly

but I can xamar of Caly of preference. ;D

I am deaf ..

~~~~~

Sou uma pessoa apaixonada  
 pela vida, e que  
 acima de tudo amo a Deus, meu namorado,  
 minha família e amigos.

Apenas caminho e tiro  
 de cada gota de vida  
 o que preciso para viver.

~~~~~

AMOOOR TE AMO PRA SEMPRE

;@@@@@@@@

EU SOU COMUNIDADES .

<http://www.orkut.com/>

7° seminario surdez

<http://www.orkut.com/Community.a>

cidade natal: M&d!@n&!r@

página web:

paixões: - Deus

-amo amo mtooo dmais !!!

cidade:

estado: parana

país: Estônia

Paula inicia apresentando aspectos da fala: “oi prazer...” e em seguida ao nome, apresenta o apelido “Claly” solicitando ser chamada de “Caly”. Interessante que ela utiliza a palavra chamar com “x”, apresentado a palavra com grafia “xamar”. Este aspecto aponta que o sujeito utiliza a grafia dos “internetês”, abreviando a palavra de seis para cinco letras. Em seguida apresenta-se ressaltando “eu sou surda ..” apresentando também, todas as informações dadas até então, na língua inglesa. O sujeito apresenta, então, uma mensagem e percebemos que nela, não

consta a estrutura escrita na língua de sinais, mas sim, da língua portuguesa, deixando duvidosa a questão de que realmente foi o sujeito quem escreveu na estrutura da língua portuguesa.

Ainda é apresentada uma página da web, fazendo referência ao “7º seminário surdez” e percebemos que na frase a palavra seminário, não está acentuada, e isso pode ter sido por esquecimento, pois, conforme aponta Fernandes (1999) a escrita dos surdos apresenta uma boa incorporação das regras gramaticais nas questões da acentuação, uma vez que isso é visual. Essa questão da acentuação ocorre também quando o sujeito apresenta o estado em que reside: “parana”, sem utilizar letra maiúscula para o nome do estado.

Referente à cidade em que reside o sujeito, percebemos que o mesmo grafia o nome da cidade utilizando símbolos e linguagem dos “internetês”. O mesmo percebemos no item referido as paixões, em que o sujeito utiliza a escrita dos “internetês”, abreviando a palavra “muito” e “demais”, “.....amo amo mtooo dmais !!!”

Jonas - 20 anos. Estudante do 3º. ano do ensino médio. Mora em Barretos – SP.

Perfil

aniversário:29 agosto

idade:20

idiomas que falo:Português

interesses no orkut:amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais, namoro (mulheres)

quem sou eu:

Cowboy é sempre cowboy, no dia-a-dia e em qualquer parte do mundo. Ser cowboy é um jeito de ser, é fazer de sua própria vida uma grande aventura. Talvez por isso a vida de um cowboy seja a mais fiel tradução da palavra liberdade! O ano todo ele anda milhares e milhares de quilômetros por estradas solitárias, "montando" em sua caminhonete, correndo atrás de reconhecimento, no pó e na chuva das arenas. Cowboys e cowgirls que competem fazem do Rodeio um verdadeiro estilo de vida. Diariamente, eles respiram e vivem o Rodeio em toda sua plenitude Fama e fortuna são conquistadas com muita dedicação, profissionalismo e também muita sorte. O sonho do cowboy é o sonho de todos nós... é o sonho de vencer na vida, bater recordes, vencer desafios e viver momentos de glória. O Rodeio, hoje, é tão idolatrado porque

consegue fazer da disputa um verdadeiro show. As rápidas explosões de ação, o elemento perigo, a extraordinária perícia do cowboy e a versatilidade do cavalo Quarto de Milha são características que fazem o sucesso do Rodeio. O Rodeio é o único esporte no mundo que se originou de habilidades adquiridas em situações de trabalho. O trabalho realizado nas fazendas pelos típicos cowboys do passado se transformou no esporte mais popular do presente, e a tendência é que uma geração inteira de crianças fãs do Rodeio se tornarão em breve nossos cowboys do futuro. Ser cowboy é galopar contra o tempo, mais rápido que o vento. É desafiar a lei da gravidade no lombo do animal feroz. Enfim, é ser um autêntico campeão na vida e nas arenas.

filhos: não

etnia: caucasiano (branco)

religião: Cristão/outro

humor: extrovertido/extravagante, simpático

orientação sexual: heterossexual

estilo: alternativo

fumo: não

bebo: não

animais de estimação: adoro meu(s) animal(is) de estimação

moro: só

cidade natal: Umuarama

paixões: Em primeiro lugar Deus!! E o resto é: rodeio, arena, cavalos, touros, leilão de gado, fazendas e tudo que estiver relacionado ao campo.

esportes: Laço em Dupla!!

atividades: Assistir filmes, viajar, pescar, estudar, andar a cavalo, treinar e tudo mas!!

livros: Revistas de cavalo de raças, touro, rodeio e campo.

música: Sertaneja, country e gospel.

programas de tv: Tv rodeio, Tv terra viva, Canal do boi e tv terra sertaneja.

filmes: Virando o jogo e 8 Seconds!!

cozinhas: Meu prato preferido é arroz, feijão, bife e pimenta!! Aooowww trem baum hew!!!!

e-mail:

cidade:

estado: Rondônia !!Paraná!!

código postal/CEP:

país: Brasil

Analisando o perfil de Jonas, percebemos que o mesmo se apresenta no item “quem sou eu” como sendo “cowboy”, abordando no texto logo abaixo essa identificação, como é vida de um cowboy. Em nenhum momento, apresenta em seu perfil a questão de ser surdo. No item sobre “paixões”, apresenta Deus em primeiro lugar e, em seguida, faz alusão novamente a vida de cowboy. Percebemos que os esportes, atividades, músicas, livros, filmes, tudo gira em torno da vida de cowboy. Quando o sujeito refere-se à comida, apresenta os pratos preferidos e ao final utiliza-se da linguagem country dizendo: “Aooowww trem baum hew!!!!”. Percebemos

que, neste caso, o sujeito apropriou-se da escrita country, dizendo: “Ô trem bom hein!” quando se refere ao tipo de comida, afirmando assim, que gosta muito deste tipo de comida.

Luis - 20 anos. Graduando do terceiro período do curso Sistemas de Informação na UTFPR.

Perfil
relacionamento: solteiro(a)
aniversário: 7 janeiro
idade: 20
idiomas que falo: Português
interesses no orkut: amigos
cidade: <u>matelândia</u>
estado: parana
código postal/CEP: <u>85884000</u>
país: Brasil

Luis, em seu perfil apresenta poucos dados, não indicando aspectos relacionados à surdez. Quanto à grafia, percebemos que algumas palavras são escritas com letras maiúsculas, como “Português” e “Brasil”; outras que também deveriam estar escritas em maiúsculo apresentam a grafia com letras minúsculas como “matelândia” e “parana”, ocorrendo a falta de acento agudo na palavra ‘Paraná’.

Amanda - 29 anos. Graduanda do terceiro período do curso Letras – Libras, em Dourados.

Perfil
"É fácil dizer eu te amo, o difícil é amar de verdade." 😊
relacionamento: namorando
aniversário: 28 fevereiro
idiomas que falo: Português (Brasil), Italiano
e-mail:
país: Brasil

No perfil de Amanda, percebemos que também não apresenta dados significantes em relação à surdez e a comunidade surda. Apresenta somente, uma frase, escrita na estrutura da língua portuguesa, abordando sobre o Amor. Constatamos que Amanda utiliza “*emoticons*” – uma “carinha” sorrindo - característica da linguagem utilizada atualmente na *internet*.

Vinícius – 31 anos. Graduando em Letras - Libras – no pólo da UFPR – Universidade Federal do Paraná.

Perfil
♥Vinícius♥.•*☺☺.•
relacionamento: casado(a) idiomas que falo: Português (Brasil) país: Grécia

Em seu perfil, Vinícius, não apresenta dados significativos em relação à surdez e a comunidade surda. Percebemos que apresenta como seu país a Grécia, dado que não é possível comprovar veracidade. Ao lado de seu nome, apresenta pequenos ícones de dois corações, duas pessoas e um quadrado, com alguns sinais de pontuação. Percebemos, portanto que o mesmo faz uso de “*emoticons*”.

Na segunda parte de nossa análise, verificamos a quais comunidades do *Orkut* estes sujeitos fazem parte. Para isso, trouxemos as comunidades que cada sujeito interage (em anexo) e aqui mencionamos estas comunidades:

Sujeitos	Comunidades do <i>Orkut</i>
Mateus	Pernambucanas; SBT – Oficial; Escola Amesfi; 7º. seminário Surdez; MeGaByte Informática lan house.
Paula	Já tentei voltar para mesmo sonho; Eu adoro chiclete; Já tomei banho de chuva; Quem não cola, ã sai da escola; Eu sei a tabuada do 1!!! Minha bagunça é organizada! Pizza! Brasil; Algo meu ficou guardado em você.
Jonas	Las Vegas; Quarto de Milha; Jaguariúna Rodeio Festival; Medianeira; Team Roping; Barra da saia-Oficial; Eu acredito e confio em Deus! Cowboys & Cowgirls; Terra Viva; Amazônia para sempre; Escola Amesfi; Mundo do Rodeio; mais vida.
Luis	Pastoral dos Surdos – Cascavel; Não acredito que eu fiz isso; X Vano; moto bom; Eu conheço Heberton; nois adora moto; Eu amo/conheço Srt. Barata; Recadofoto imagens para recados; Unila (comunidade Oficial); Gangue do algodão doce; mensagem para celular – Grátis!
Amanda	Mãe, eu te amo! LIBRAS – Língua de Sinais; Eu amo meus irmãos; Eu adoro dar risada! Eu amo Smirnoff Ice! ADA- Adoro Dormir Abraçado; Eu amo velocidade; Eu amo festa!!! Queremos Coca Cola 20 litros!! Amo meus amigos gays e heteros; Eu amo pizza de Calabreza!!!! Eu amo pizza! Surdos adoram mandar e receber; Eu amo viajar de carro; Amiga parceira = Amiga solterial! Vc me odeia? Que coincidência!; seu lugar, meu lugar; Eu beijo bem, duvida? Prova! Akitchunfa.com; Não quero me explicar; Eu quero amor sem fim... Você tem vida? Cuida da sua!
Vinícius	Arquitetura e urbanismo; Haagen-Dazs Lovers; O que está havendo com o mundo? Deus... eu te amo de coração!! Eu adora dar risada! Eu amo suco de fruta! Eu amo salada! Odeio falsidade; Orgulhosa (o) Sim e Daí? As magras são TUDO de bom! Eu amo viajar; Eu gosto de estudar; Pareço metida (o) mas sou legal; Eu amo minha família! Eu amo e Acredito em Deus! Eu amo Deus; Vou ser feliz e já volto!!! LETRAS/LIBRAS; Arquitetura FAG 2007/2011; Letras/Libras – UFPR; ES – LETRAS/LIBRAS; Pós Educação Bilíngue/Surdos.

Quadro 3 – Comunidades do *Orkut* dos sujeitos surdos

Dentre as comunidades das quais os sujeitos fazem parte, notamos que e apenas um dos sujeitos não é membro de comunidades do *Orkut* relacionadas à

surdez, sendo que os demais sujeitos estão ligados a pelo menos uma comunidade referente à temática da surdez.

Na terceira parte de nossa análise, buscamos verificar primeiramente, se os surdos consideram-se sujeitos bilíngues. Para isso, postamos no *Orkut* de cada sujeito a seguinte pergunta: Você se considera uma pessoa bilíngue? Por quê?

Diante disso, obtivemos as seguintes respostas:

Excerto 1 - Mateus

17 junho de 2009

naoo, sou nao bilíngüe
éq lingua libras

Excerto 2 - Mateus

18 de junho de 2009

Oii Dayse

Tudo bem, cm vc?

Mas q sim, seempre pra trabalho loja pernambucanas, não Férias passo pra ano 2010 Janeiro é Férias!

;D

Pooiiis, vou responder pra vc!

Eu acho, q sim otimo sim entendi Bilingue, mas q mais é dificil diferente portuges, palavras profundo eu naum saber bem, mas, acho eu ser pessoa bilingue é isso!

Podee, mais q vc responda pra mim!

atemaIS

Ate, otimo Fim de Semana!

BeiiijO!

Ficar c Deus!

Percebemos que inicialmente Mateus diz que não é bilíngue, pois sua língua é a Libras, mas num segundo momento, após, conversar com o entrevistador através do MNS sobre o que é ser bilíngue, o sujeito afirma que entendeu o que é ser bilíngue e que é difícil, pois a língua portuguesa é diferente, desconhecendo boa parte do vocabulário nesta língua. Ao final, afirma que acha ser uma pessoa bilíngue.

Respondendo a mesma questão sobre bilinguismo, Paula afirma que:

Excerto 3 - Paula

26 abril 2009

Oiee dayse .

td , vc ?

sim , pq sou língua de sinais e português.porque libras é minha lingua materna e portugues é minha segunda lingua.

na CULTURA SURDA..primeiro IMPORTANTEeh LIBRAS segundo lingua eh PORTUGUES , entendeu ?

beeijo querida

Constatamos que Paula afirma ser uma pessoa bilíngue, pois a sua primeira língua, sua língua “materna”, como afirma, é a língua de sinais e, a língua portuguesa é sua segunda língua. Paula ainda menciona que na Cultura surda, o importante, primeiramente, é a LIBRAS e num segundo momento a língua de sinais. Ao final ainda pergunta: “entendeu?”.

Percebemos que Paula, apesar de não ter em seu *Orkut* nenhuma comunidade relacionada à cultura e identidade surda, parece entender o que é ser um sujeito bilíngue e conhece aspectos da cultura surda.

Passamos a análise da resposta de Jonas:

Excerto 4 – Jonas

25 abril de 2009

Bao vo te explicá !!!

Eu até me considero ser uma pessoa bilingue, porque eu falo duas linguas, ou seja, Português e lingua em Libras.....

Bao achu ki to pra mas pra trilingue nu´ée??

Porke agoa to kuase flandu em inglês, kuandu vai pras provas por awe ou entaum pru um pais estrangeiro daí tem ki fla em inglês né!!!POis é to pegandu o dilema dus cowboys daki!!!!

Hushahsuahsuahsuahsuah!!

Bao fiz a resposta né!!

Mas e vc como está?

E a grazi!!!?

Bao domingu hew, abraços pra todos aí!!!
beijus!!!

Verificamos que o sujeito afirma que se considera uma pessoa bilíngue, pois fala duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais, e que salienta até poder se considerar uma pessoa trilingue, pois está quase falando a língua inglesa.

Respondendo a questão sobre bilinguismo, Luis, afirma que:

Excerto 5 - Luis

15 de maio de 2008

sim eu falo e libras de sinais.

Constatamos que Luis afirma falar a língua portuguesa e a língua de sinais, por isso considera-se um sujeito bilíngue.

Amanda responde a pergunta dizendo que:

Excerto 6 – Amanda

13 julho

Σ%#@\$*:

pq, esse biligue é uma lingua...por exemplo: ouvinte escreve portuges troca libras proprio surdos, é um proprio comunicação libras.
bjos

Diante da resposta de Amanda, percebemos que a mesma não compreende a questão o que é ser um sujeito bilíngue, pois afirma que bilíngue é uma língua, e exemplifica trazendo o ouvinte que escreve em português e a Libras a língua de comunicação dos surdos.

Em sua resposta, Vinicius afirma que:

Excerto 7 – Vinicius

30 de julho

Oi, bom dia! Desculpe pelo demorando a resposta, por causa eu raramente uso orkut, rrsrs...

Q bom vc me perguntou sobre você se considera uma pessoa bilíngue? Por quê?...

E verdade maioria pessoa dificuldade para bilíngue, sabe pq escrever proprio jeito de Surdos, tbem lingua portuguesa dentro Libras, Surdos diferença ouvinte, por isso problema base da Lingua Portuguesa, antes maioria problema dificuldade aprendizagem uso da lingua, agora novo msn, orkut, e-mail vao capazes aprender bilíngue desenvolvimento bem conhecimento da base...

Abraços...

Constatamos que Vinicius afirma que há grande dificuldade das pessoas surdas serem sujeitos bilíngues, pois, escrevem do “jeito próprio dos surdos” - isso

quer dizer que os surdos representam na escrita, a estrutura da língua de sinais, - como percebemos nas diversas narrativas abordadas até o momento – assim, a escrita dos surdos é diferente dos ouvintes. Vinicius afirma também que antes do MSN, *Orkut*, e-mail, a maioria dos surdos tinha “dificuldades”, “problemas”, no aprendizado e uso da língua portuguesa e que com essas tecnologias, são capazes de aprender a língua portuguesa e tornarem-se pessoas bilíngües. Esse depoimento de Vinicius realmente confirma o que estamos defendendo desde o começo desta pesquisa – a interação dos surdos em ambientes virtuais se dá de uma maneira natural, ressignificando o aprendizado da língua portuguesa escrita e fazendo dela um uso social.

Passaremos agora a analisar nas postagens do *Orkut*, a escrita dos sujeitos surdos, verificando se a escrita tem alguma especificidade, se a língua portuguesa escrita por estes sujeitos surdos se aproxima ou se distancia dos sujeitos ouvintes, se a escrita dos sujeitos está em português ou “internetês” e o que isto significa para os surdos. Para esta parte da análise, utilizaremos a narrativa dos surdos referentes a questão do bilinguismo, mencionadas anteriormente, bem como outras narrativas coletadas durante a interação com os sujeitos no *Orkut*. Nos anexos encontram-se a coleta de dados mais ampliada, todavia fizemos a seleção, por ser mais representativa, dentro do que nos propomos analisar.

Para a análise dos aspectos relacionados a escrita dos sujeitos, nos pautamos nos estudos de Fernandes (1999), que relatou as principais características da escrita dos surdos. Assim, apresentamos o primeiro excerto, de Mateus:

Excerto 1 - Mateus

naoo, sou nao bilingue
éq lingua libras

Percebemos que na primeira frase, Mateus traz a estrutura primeiramente com a negação “naoo”, sem acentuação e com dois “os”. Após o verbo “ser”, apresenta a negação novamente e então, o objeto. Percebemos que ele enfatiza a negação “não”, tanto que esta aparece duas vezes na frase. Na segunda frase, afirma que sua língua é a Libras, utilizando apenas o “q” para “que”. Percebemos neste excerto que o sujeito utiliza a linguagem dos “internetês” quando escreve “naoo” e “q”. Na estrutura da língua portuguesa, a frase ficaria:

*Não, não sou bilíngüe
É que minha língua é a Libras.*

Na estrutura escrita pelo sujeito, há omissão do verbo de ligação e do artigo “a”, bem como do pronome possessivo “minha”. Notamos que a negação, ocorre num segundo momento, após a forma verbal – “... sou nao bilíngüe”. Isto é justificável, pois conforme Fernandes (1999), estes elementos, não existem na língua de sinais e, como qualquer língua, a estrutura da língua “falada”, neste caso, “falada em Libras”, reflete-se na escrita sendo, que o surdo, apresenta a organização da estrutura sintática, de acordo com o que deseja destacar em sua “fala”.

Analisando ainda, a escrita de Mateus no excerto 2,

Excerto 2 - Mateus

18 de junho de 2009

- 1 *Oii Dayse*
- 2 *Tudo bem, com vc?*
- 3 *Mas q sim, seempre_pra trabalho loja pernambucanas, não Férias passo pra ano 2010 Janeiro é Férias!*
- 4 *;D*
- 5 *Pooiiis, vou responder pra vc!*
- 6 *Eu acho, q sim otimo sim entendi Bilingue, mas q mais é dificil diferente portugues, palavras profundo eu naum saber bem, mas, acho eu ser pessoa bilingue é isso!*
- 7 *Podee, mais q vc responda pra mim!*
- 8 *atemaIS*
- 9 *Ate, otimo Fim de Semana!*
- 10 *BeiiijO!*
- 11 *Ficar c Deus!*

Constatamos, no excerto 2, que o sujeito utiliza-se de várias grafias dos *internetês*, como, por exemplo:

Oii - para Oi

;D- piscar (emoticons)

vc – para você;

q – para que;

Pooiiis- para pois;

naum – para não;

Podee – para pode;

atemaIS – para até mais;

BeiiijO!- para beijo;

c- para com

Interessante que, o uso do “c”, na escrita dos “internetês”, tanto pode significar “com”, como também pode significar “se”, depende do contexto em que é utilizado.

Na escrita de algumas palavras, temos a omissão dos sinais de acentuação: *otimo, Bilingue, dificil, portugues*. Isso, conforme mencionamos anteriormente é justificável, como mencionamos anteriormente.

Constatamos também, traços da oralidade, como na palavra “*pra*”, porém, podemos dizer que o emprego deste, deve-se ao fato de que, para os surdos, é mais uma forma de escrita dos “internetês”, e não um traço da oralidade, como para os ouvintes.

Quanto à estrutura da escrita, percebemos nas frases 1, 2, 5 e 9 – enunciados mais curtos - que estes aparecem de acordo com a estrutura da língua portuguesa. Já nas frases 3, 6 e 7, a estrutura de acordo com a língua de sinais.

3 Mas q sim, seempre pra trabalho loja pernambucanas, não Férias passo pra ano 2010 Janeiro é Férias!

Nesta frase, verificamos que o sujeito afirma trabalhar nas lojas pernambucanas, utilizando a palavra “*seempre*”, com dois “es” para enfatizar que continua trabalhando na loja e nunca saiu da Pernambuco. Afirma também, que não terá férias neste ano, mas sim, que suas férias passaram para o mês de janeiro de 2010. Utiliza-se da grafia “*pra*” (para) e “*q*” (que).

Na frase 6, verificamos

6 *Eu acho, q sim otimo sim entendi Bilingue, mas q mais é dificil diferente portugues, palavras profundo eu naum saber bem, mas, acho eu ser pessoa bilingue é isso!*

Percebemos que a afirmação “*sim*” aparece duas vezes na mesma frase: “*q sim otimo sim entendi Bilíngue*”, isso para enfatizar que realmente entendeu o que é ser um sujeito bilíngue. Notamos também, que o sujeito utiliza a palavra “*naum*” para a negação “*não*”. Conforme Gazeta (2000) na escrita da *internet* foram criadas algumas convenções para substituir a acentuação das palavras, como no excerto acima, em que o “**naum**” substitui o “**não**”.

Na frase 7

7 *Podde, mais q vc responda pra mim!*

O sujeito afirma que ser bilíngue pode ser mais do que a explicação dada por ele, e que isso poderia ser respondido, explicado para ele. Percebemos que nesta frase, encontramos a organização sintática VOS (verbo, objeto, sujeito).

Passamos a analisar agora, o excerto 3, escrito por Paula.

Excerto 3 - Paula

26 abril 2009

- 1 Oiee dayse .
- 2 td , vc ?
- 3 sim , pq sou língua de sinais e português.porque libras é minha lingua materna e portugues é minha segunda lingua.
- 4 na CULTURA SURDA..primeiro IMPORTANTEeh LIBRAS segundo lingua eh PORTUGUES , entendeu ?
- 5 beeiijo querida

A escrita dos “internetês” faz parte do excerto de Paula quando se utiliza de expressões como: *Oiie* = oi, *td* = tudo, *vc*= você, *pq*= porque, *beeijo* = beijo, *eh* = é. No último caso, percebemos que o acento agudo do verbo de ligação “é”, foi substituído por “eh” na escrita dos *internetês*. A organização sintática da frase 3 se assemelha muito a estrutura da língua portuguesa. No entanto, percebemos traços relacionados à escrita dos surdos, quando Paula afirma “sim , pq sou língua de sinais e português”, ou seja, “porque minha língua é a língua de sinais e língua portuguesa”.

Paula representa na escrita, a estrutura da língua de sinais, evidenciando o que para ela é mais importante “pq sou língua de sinais e português”. Percebemos que na frase, ela emprega adequadamente artigos, verbo de ligação, pronomes. Constatamos também, o uso das palavras grafadas em letras minúsculas, mesmo após o “ponto final” de cada frase.

Na frase 4, Paula menciona que na “CULTURA SURDA” o “IMPORTANTE” - grafados em letras maiúsculas para chamar a atenção do leitor - é a “LIBRAS” e em segundo o “PORTUGUES”, grafado também com letras maiúsculas e sem acento circunflexo. Sobre a ausência de acentuação, já mencionamos anteriormente.

Analisaremos agora, o excerto 4,

Excerto 4 - Jonas

25 abril de 2009

- 1 Bao vo te explicá !!!
- 2 Eu até me considero ser uma pessoa bilingue, porque eu falo duas linguas, ou seja,Português e lingua em Libras.....
- 3 Bao achu ki to pra mas pra trilingue nu´ée??
- 4 Porke agoa to kuase flandu em inglês, kuandu vai pras provas por awe ou entaum pru um pais estrangeiro daí tem ki fla em inglês né!!!POis é to pegandu o dilema dus cowboys daki!!!!
- 5 Hushauhsuahsuahsuahsuah!!
- 6 Bao fiz a resposta né!!
- 7 Mas e vc como está?

- 8 E a grazi!!!?
 9 Bao domingu hew, abraços pra todos aí!!!
 10 beijus!!!

Neste excerto, no que diz respeito à escrita dos “internetês”, percebemos que o sujeito utiliza-se que várias palavras grafadas com esse tipo de escrita. Assim, destacamos:

Bao= bom	kuandu = quando
vo= vou	awe = aí
achu = acho	entaum = então
ki = que	pru = para
to = estou	fla = fala
pra = para	pegandu = pegando
nu´ée = não é	dus = dos
Porke = porque	daki = daqui
agoa = agora	Hushauhsuahsuahsuahsuah!= risos
kuase = quase	hew = e
flandu = falando	

Notamos o quanto a escrita dos “internetês” está presente na “fala” de Jonas e que algumas palavras, como *pra* = para; *to* = estou; *ki* = que, podem ser reflexos da fala informal, da oralidade. Percebemos também, o uso que sinais de exclamação (!) repetitivamente, a fim de dar entonação ao que está escrito. A estrutura da língua escrita apresenta-se conforme a língua portuguesa, e a pontuação, acentuação, o uso de verbos, artigos, uso de singular e plural, tem uso adequado.

Excerto 5 - Luis

15 de maio de 2008

sim eu falo e libras de sinais.

Analisando o excerto abaixo, de Luis, percebemos a ausência da vírgula (,) que após a afirmação “sim”. A estrutura da sintática da frase apresenta-se como – SVO (sujeito –verbo - objeto) e o verbo “falar” são empregados corretamente. Percebemos o não uso da escrita dos “internetês”.

Passamos agora a análise do excerto de Amanda.

Excerto 6 - Amanda

13 julho

Σ%#@\$*:

pq, esse biligue é uma lingua...por exemplo: ouvinte escreve
portugues troca libras proprio surdos, é um proprio comunicação
libras.
bjos

Amanda se utiliza de algumas palavras grafadas conforme escrita dos “internetês”: pq = porque; bjos – beijos; Σ%#@\$*: = símbolos utilizados, provavelmente, para representar cada letra de seu nome. Notamos a ausência de acentuação em várias palavras como: lingua, portugues, proprio, comunicação. Na palavra “biligue” não apresenta a letra “n” o que poderia ser um descuido do sujeito, ou devido à questão de que os surdos memorizam as palavras em sua globalidade (FERNANDES, 1999), e pode não ter percebido a letra “n”.

Verificamos também, que Amanda utiliza o verbo “escrever” e os sinais de pontuação adequadamente. Na frase “ouvinte escreve portugues”, notamos a ausência do artigo “o” antes da palavra “ouvinte”, o que é justificável, pois como já mencionamos, os artigos são inexistentes na língua de sinais (FERNANDES, 1999). Percebemos também a ausência da preposição “em” diante da palavra “portugues”, pois não há preposições em língua de sinais (FERNANDES, 1999).

A estrutura sintática da frase está em língua portuguesa em – “pq, esse biligüe é uma lingua...por exemplo: ouvinte escreve portugues” e, em língua de sinais – “troca libras proprio surdos, é um proprio comunicação libras”.

Ainda na frase “troca libras proprio surdos, é um proprio comunicação libras”, percebemos que o uso de “um” sugere dois significados para o contexto, como artigo e como numeral. Assim, poderíamos dizer que Amanda estaria afirmando que “[...] é uma comunicação própria...” ou no sentido de que é uma língua, utilizando “um” como numeral, para designar isso.

Analisaremos agora, o excerto 7, de Vinicius,

Excerto 7 - Vinicius

30 de julho

- 1 Oi, bom dia! Desculpe pelo demorando a resposta, por causa eu raramente uso orkut, rrsrs...
- 2 Q bom vc me perguntou sobre você se considera uma pessoa bilíngüe? Por quê?...
- 3 E verdade maioria pessoa dificuldade para bilíngüe, sabe pq escrever proprio jeito de Surdos, tbem lingua portuguesa dentro Libras, Surdos diferença ouvinte, por isso problema base da Lingua Portuguesa, antes maioria problema dificuldade aprendizagem uso da lingua, agora novo msn, orkut, e-mail vao

capazes aprender bilingue desenvolvimento bem conhecimento da base...

4 Abraços...

Constamos que na frase 1, Vinicius inicia cumprimentando e utilizando o sinal de exclamação (!) para emitir entonação, emoção. Em seguida, quando diz “Desculpe pelo demorando a resposta, por causa eu raramente uso orkut, rrsrrs...” constatamos o uso inadequado da preposição “pelo”, bem como do verbo “demorar”. O uso do verbo no gerúndio exprime uma ação em curso, continuada, por isso, pressupõe-se que o sujeito resolveu utilizar o verbo no gerúndio para enfatizar que “demorou” para dar a resposta ao questionamento. Ao final da frase 1 destacamos “rrsrrs...” que está escrito na linguagem dos “internetês” e significa “risos”.

No excerto, encontramos também formas da escrita dos “internetês” como *Q* = que, *vc*= você, *pq* = porque, *tbem* = também, *mns* = messenger. Notamos também, a falta de acentuação nas palavras, bem como a estrutura da língua de sinais refletida na escrita. Quando ao sujeito menciona a palavra “Surdos” na frase 3, notamos que grafa a primeira letra em maiúsculo, isso porque, segundo James Woodward (1972 apud PADDEN E HUMPHRIENS, 2000, p. 6), a palavra *Surdo* com letras maiúsculas, refere-se “a um grupo particular de pessoas surdas que compartilham uma linguagem [...] e uma cultura”.

Trouxemos também para análise, outras narrativas obtidas através da interação com os sujeitos surdos no Orkut, estes agora, escritos de forma mais espontânea, pois não estão respondendo a nenhum questionamento.

Excerto 8 - Mateus

7 abril 2008

Oie !

;D

eu est mto otimo com vc...

o/

^^

adoro legal seminario...mas um pouco eu mto mesmo BATER PAPO grupo mim amigos(as)...

:'(

:'(

Diretora fica BRAVA mim...

pq eu mas nao ver seminario...eu fala fazer quaquer eu vou so mesmo BATER PAPO...

:P

Drogaaaaaaaaaaaaa;...

T+

bjos;***

Notamos que algumas questões ressaltadas nos outros excertos se repetem neste: uso da linguagem dos “internetês” (*Oie, mto, pq, T+, bjos*), falta de acentuação (*otimo, seminario, so*), palavras escritas faltando alguma letra (*quaquer*). Notamos o uso de *emoticons* como:

;D = piscar

:'(= triste, chorando

:P= alegria, ansiedade.

Algumas palavras estão grafadas com letras maiúsculas, buscando chamar a atenção (BATER PAPO, BRAVA). Notamos que Mateus faz uso do gênero masculino e feminino em “*mim amigos(as)...*”. Outro recurso utilizado pelo sujeito é a repetição da vogal “a” ao final da palavra “*Drogaaaaaaaaaaaaa;..*”. Essa forma utilizada na escrita dos “internetês” remete que o locutor está gritando. Também estão presentes neste excerto, várias vezes o sinal de

pontuação reticências no final das frases, o que dá a idéia de “algo a mais”, de “algo que ficou por dizer”. Como em vários outros excertos analisados, percebemos neste também, que a estrutura da língua de sinais se reflete na escrita do sujeito.

Excerto 9 - Paula

sem data – msg em perfil na semana de 15 de junho
to tristeza ! =x

Analisando o excerto acima, de Paula, notamos que se utiliza da expressão *to=* estou e *tristeza* ao invés de triste e, logo em seguida, utiliza o *emoticons* de tristeza. Notamos, portanto, que se utiliza da linguagem dos “internetês”.

Excerto 10 – Jonas

15 de agosto de 2008
A ssi po de xa ki o trem aki é sistematico !!
So cowboy brutu !!! e sistematico !!aki o trem sabe!!
hehehe!!

Em outro exemplo de narrativa de Jonas, notamos que é utilizada a linguagem dos cowboys, e isto fica bem explícito na escrita do sujeito. Constatamos também, a escrita dos “internetês” em: *A ssi* – ah, sim; *po de xa* = pode deixar; *aki* = aqui; *hehehe!!* = risos. O excerto apresenta-se com a estrutura sintática da língua portuguesa.

Excerto 11 – Amanda

18 de junho

oiii lembrou hehehee... como vc esta??? me conta novidade hehehehe...
eu to bem, trab e estuda vixxxx...heheheh... bjos saudade...

Por último, trazemos o excerto de Amanda, que também se utiliza da linguagem dos “internetês” em: *oiii* = para oi; *hehehee* = para risos; *trab* = abreviação de trabalhar; *vixxxx* = para expressão de espanto, e neste contexto, atarefada com o trabalho e estudos; *bjos* = para beijos; *to* = para estou. Notamos que o sujeito utiliza a estrutura da língua portuguesa e, quando utiliza o verbo trabalhar e estudar, no primeiro faz abreviação e no segundo, não conjuga adequadamente, pois a forma adequada na língua portuguesa seria “eu estou bem, trabalhando e estudando”.

Diante de nossas análises e estudos, sistematizamos os resultados abordando as especificidades da escrita dos surdos quanto à escrita dos “internetês”.

Escrita dos “Internetês”	Escrita dos sujeitos surdos nos excertos analisados	Significado
Oie, oii ;-)	Oii; Oie; oie; oiii ;D ;D	oi piscar
:’-(:,-(:’(triste, chorando
: P	:P	a letra P é a boca com a língua de fora = alegria, ansiedade.

Escrita dos “Internetês”	Escrita dos sujeitos surdos nos excertos analisados	Significado
:-(☹	=X	tristeza
q	q	que
pooiis	Pooiis	pois
naum	naum	não
pde; podee	podee	pode
T+	atemaiS	até mais
T+	T+	até mais
Bju; bjos; bj	BeiiiJO!; beeijs; bjos	beijos
cm	c	com
td	td	tudo
vc	vc	você
pq	Pq; porke	porque
bao	Bao	bom
vo	vo	vou
axo	achu	acho
q	Ki; q	que
stou	to	estou
p	Pra;	para
naum eh	Nu'ée	não é
A repetição da vogal “a” significa que está gritando na escrita dos “internetês”.	<i>Drogaaaaaaaaa</i>	droga
agora	agoa	agora
kuase	kuase	quase
flandu	flandu	falando
kuando; qdo; qd	kuando	quando
Eh ae	awe	aí
entaum	entaum	então
fla	fla	fala
pegandu	pegandu	pegando
dus	dus	dos
daki	daki	daqui
Rs; Hushauhsuah; eheh;	Hushauhsuahuhsuahuhsuah! rsrsrs...; hehehe!!; hehehee	risos
he	hew	e
tbém; tb; tbm	tbem	também
msn	msn	messenger
mto,	mto	muito
ah	A	Ah
si	ssi	sim
pod dextra	po de xa	pode deixar
aki	aki	aqui
trab	trab	trabalhar
vix	vixxxx	vixe
to	to	estou

Quadro 4 – Escrita dos surdos no *corpus* analisado e a escrita dos “internetês”

Notamos dessa forma, que os surdos realmente assimilaram esta forma de escrita, pois a mesma se encontra em todos os excertos analisados. Assim,

percebe-se que a língua portuguesa na internet foi incorporada de forma significativa, tanto que a escrita dos “internetês” e os *emoticons* refletem-se na escrita dos sujeitos surdos, como verificamos no quadro acima.

Sintetizamos também, os aspectos peculiares presentes na escrita dos sujeitos surdos, a fim de compará-los com os já descritos na literatura e, verificamos que os estudos de Fernandes (1999) quanto à escrita dos surdos se refletiram em nosso *corpus*.

Características apresentadas nos textos dos sujeitos surdos	Características da escrita dos sujeitos surdos, conforme Fernandes (1999)
maior parte das palavras acentuadas corretamente.	a escrita dos surdos apresenta uma boa incorporação das regras gramaticais nas questões da acentuação, uma vez que isso é visual.
omissão e/ou uso inadequado de elementos de ligação.	Os elementos de ligação são inexistentes na língua de sinais.
traços da oralidade.	configuração discursiva baseada em recursos coesivos utilizados em LIBRAS.
organização sintática da frase em Libras	a organização sintática da frase em Libras poderá apresentar a ordem OSV, OVS; SVO.
ausência de pontuação.	a pontuação está vinculada ao domínio da tonacidade das palavras e a oralidade, processos que dependem da audição, condição física que os surdos não possuem.
palavras escritas faltando alguma letra.	os surdos memorizam as palavras em sua globalidade e pode não ter percebido alguma letra.

Quadro 5 - Síntese das características da escrita dos sujeitos surdos apresentadas no *corpus*

Desta forma, buscamos diante da análise de todos os excertos, responder aos objetivos propostos no início desta pesquisa referentes à especificidade da escrita dos surdos e a influência dos “internetês”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nossa pesquisa nos dispomos a buscar responder vários questionamentos e atingir vários objetivos em busca de respostas. Para isso, dividimos nossa análise em quatro etapas, verificando primeiramente o perfil dos sujeitos, as comunidades do *Orkut* as quais faz parte, a questão do bilinguismo e, por último, as narrativas postadas no *Orkut* dos sujeitos com o intuito de verificar se esta escrita tem alguma especificidade, que se aproxima da escrita dos ouvintes e se a escrita dos “internetês” está presente nas narrativas dos sujeitos surdos.

Diante do referencial teórico abordado relacionado à questão da identidade surda, verificamos que para analisá-las atribuindo-lhes a tipologia das identidades abordadas por Perlin (1998), é necessário coletar dados referentes ao histórico da surdez de cada sujeito verificando se este nasceu surdo ou ouvinte, se é filho de pais surdos ou pais ouvintes, as causas da surdez entre outras informações relacionadas ao seu convívio com a comunidade surda. Somente a partir destes dados poderíamos analisar as diferentes identidades. No entanto, é preciso considerar os estudos realizados por Hall (2005) e Skliar (1999) defendendo que as identidades contemporâneas não são estáveis e fixas, sendo fragmentadas e móveis. O que chamou a atenção na análise do perfil dos sujeitos, é que Mateus e Paula parecem fazer questão de apresentarem-se como pessoas surdas, pois, em seus perfis chamam a atenção dos “orkuteiros” para reconhecê-los como surdos, afirmando em seu perfil que são Surdos. Mateus acrescenta que é “surdo”, e não “mudo”, o que fortalecendo ainda mais a sua identidade, pois alguns

grupos surdos reivindicam a utilização da terminologia “Surdos” ou “Área da surdez”, visto que o termo compreende o sujeito surdo pertencente a uma comunidade possuidora de uma Cultura Surda que sustenta aspectos peculiares: uma história, experiências de vida, identidade, uma língua própria - cuja substância ‘gestual’ gera uma modalidade espaço-visual, uma maneira peculiar de ver o mundo. Os termos “mudo”, “mudinho”, “surdinho”, “surdo-mudo”, “deficiente-auditivo”, são pejorativos negando a identidade surda, visualizando o surdo apenas sob o aspecto da deficiência, rotulando-o, salientando apenas a perda auditiva, sem considerar suas potencialidades. Essa forma que conceber a surdez e os surdos, segundo Skliar (1998, p. 15), demonstra a ideologia “ouvintista”, que vê o sujeito surdo a partir das “percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte”. Em relação a terminologia reivindicada por alguns grupos surdos, Bergamaschi e Martins (1999) afirmam que o termo surdo ou surdez, é o termo que o surdo se atribui, pois compreende a sua especificidade – sua cultura, língua e identidade.

Nas comunidades do *Orkut* de cada sujeito, notamos que dos seis sujeitos, apenas um não é membro de alguma comunidade ligada ao “povo” surdo. Diante das diferentes comunidades do *Orkut* dos sujeitos surdos, constatamos que estes se socializam com outras comunidades, não fazendo parte apenas de uma comunidade fechada. Isso demonstra que os surdos estão cada vez mais presentes, em vários aspectos, na sociedade.

Na análise referente à questão sobre o bilinguismo, verificamos que a maioria dos sujeitos evidencia que sua primeira língua é realmente a língua de sinais e, que a língua portuguesa é tida como uma segunda língua. Notamos ainda que Paula menciona em sua narrativa, que isso faz parte da Cultura

Surda. No entanto, percebemos, nas respostas dadas pelos sujeitos, que apesar de nos parecer que apenas um dos sujeitos não tem claro a questão do bilinguismo, no perfil destes sujeitos, todos, ao serem questionados sobre quais idiomas falam, apresentam a língua portuguesa como língua falada, e não a língua de sinais. Isto indica que nenhum dos sujeitos assume o bilinguismo em seu perfil, nenhum sujeito tem esse conceito internalizado. Notamos, portanto, que o bilinguismo está em processo de construção pelos surdos.

Ser um sujeito bilíngue está diretamente ligado a identidade, a cultura, e a língua peculiar do grupo a qual o sujeito pertence e isso, constrói-se gradativamente. Constatamos que a constituição do contexto bilíngue do sujeito surdo acontece diferentemente do contexto de outras línguas orais, até porque as línguas que tornam os surdos bilíngues, apresentam-se em modalidades diferentes, sendo uma oral-auditiva e outra visual-gestual. Portanto, o status de sujeito bilíngue deve ser abordado considerando esse contexto atípico de aprendizado e desenvolvimento das línguas abordado por Quadros (2005).

Constatamos nas postagens que a escrita dos sujeitos, tem sua especificidade, e, para obtermos esse dado, nos fundamentamos nos estudos de Fernandes (1999). Notamos nas postagens, que a estrutura da língua de sinais apresenta-se refletida na escrita dos surdos, e que as características da língua de sinais quanto à ortografia, o uso de artigos, gênero e número, organização sintática e negação; estão presentes nos excertos. Assim, nossa pesquisa evidencia a escrita peculiar dos surdos e isso retrata o que Fernandes (2008) afirma e sugere, enquanto revisora do livro de Strobel (2008), como mais um artefato cultural do povo surdo.

Notamos também, nas postagens no *Orkut* que alguns sujeitos utilizam a organização sintática da língua portuguesa, demonstrando maior domínio da mesma e que a utilização dos verbos pelos sujeitos surdos foi adequada na maioria dos excertos. Isso, provavelmente, se deve ao fato deste sujeito ter experienciado várias situações de contato com a língua portuguesa, o que aproxima sua escrita desta estrutura e, talvez pudesse indicar que os surdos estão apropriando-se da língua portuguesa, de forma mais eficaz, devido a ressignificação do aprendizado desta língua.

Outro aspecto importante, é que o nível de escolaridade não influenciou quanto ao entendimento do sujeito sobre ser bilíngue, pois Amanda, que cursa o terceiro grau, não teve entendimento do que era ser bilíngue, já Paula, que cursa o segundo grau, teve esse entendimento, mencionando inclusive, questões referentes à cultura surda.

Verificamos também, que a escrita dos “internetês” está incorporada nas postagens dos sujeitos, sendo muito bem assimilada por eles, tanto que utilizam vários *emoticons* para representar suas emoções e variadas formas de escrita dos “internetês”. Essa nova forma de comunicar-se abriu as portas para uma aprendizagem significativa da língua portuguesa para os surdos e isso, ficou evidenciado nas postagens analisadas em nossa pesquisa. Tanto que, um dos sujeitos, em uma de suas narrativas, menciona que através de programas de interação comunicativa virtual, os surdos, que não dominam ou que não tem um bom vocabulário na língua portuguesa, têm a possibilidade de tornarem-se pessoas bilíngues. Parece-nos que as novas tecnologias propiciaram a ampliação léxica dos surdos, o que conforme Fernandes (1999) era limitado ou até mesmo inadequado nos textos escritos pelos surdos. Isso,

com certeza, evidencia mais uma vez que as interações virtuais, ressignificaram o aprendizado da língua portuguesa. Assim, quanto mais os surdos tiverem acesso aos computadores e programas da *internet*, mais letrados digitalmente estarão e isso irá contribuir para o aprendizado da língua portuguesa de forma prazerosa.

A cultura está ligada a forma de ver, de vivenciar, de conceber, de expressar-se, gerando assim, códigos peculiares àquele grupo. Dessa forma ela se cria, se enraíza, passa por gerações, se recria e se faz presente na sociedade. Percebemos que a cultura surda vem se enraizando e se fortalecendo a cada dia e que, os surdos que realmente pertencem a esta cultura, buscam estar mais próximos do “povo” surdo, das lutas e reivindicações, buscando seu espaço na sociedade. Neste sentido, a cultura surda - uma cultura do “silêncio” - prevaleceu mesmo diante de tantas proibições e preconceitos, mantendo-se firme e cada vez mais “viva” no povo surdo. Cabe a cada um de nós, reconhecermos essa cultura, evidenciado-a como mais uma riqueza de um país tão complexo e multifacetado. Devemos sim, ter orgulho do povo surdo, que passou de uma concepção de sujeitos “anormais”, “deficientes”, “oprimidos”, “negados” para sujeitos capazes, eficientes, provando com muita bravura e garra suas capacidades.

Salientamos que, certamente o assunto não se esgota aqui, ao contrário, abre espaço para estudos mais aprofundados nesta área, não somente no que tange o bilinguismo, a identidade, cultura, comunidades surdas, especificidade da escrita dos surdos e dos “internetês”, mas também por apresentar um campo inovador, em que a interação com os sujeitos se dá de forma virtual, o que com certeza instiga estudos numa abordagem de pesquisa em ambientes

virtuais, pois até então, a metodologia de pesquisa existente não reflete e nem aborda estes contextos. Assim, esta pesquisa contribui também neste sentido, abrindo outras possibilidades de abordagens de pesquisas etnográficas, focalizando o campo e a interação virtual com os sujeitos.

Com essa pesquisa notamos que atualmente há vários estudos relacionados à surdez, inclusive estudos realizados por pessoas surdas que hoje são especialistas na área. Isso, com certeza demonstra que cada vez mais os surdos vêm conquistando seu espaço social e construindo aspectos identitários e culturais do “povo surdo”.

Assim, para finalizar menciono palavras de Sueli Fernandes, pautadas em estudos de Bakhtin, que nos fazem refletir sobre as diversas vozes presentes no texto: “[...] o texto da pesquisa é habitado por muitas vozes: a voz dos diferentes autores que contribuem para a sustentação de sua tese, a voz do próprio objeto a ser falado, a voz do autor que pouco a pouco vai se afirmando no texto e o que ela chama, de um certo silêncio, ou seja, a voz que se calou, a voz da ausência, aquela que só é capturada pelo leitor, quando surge alguma interrogação que o texto não conseguiu responder. Haverá sempre uma voz ausente no texto que será apontada por um outro que virá depois de você; somente o outro/leitor é que poderá apontar os silêncios naquilo que digo”. Com certeza muitas vozes surgirão e buscarão outras respostas, pois a pesquisa abre horizontes para outros estudos neste campo.

REFERÊNCIAS

ALPENDRE, Elizabeth V. AZEVEDO, Hilton J. S. de. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura**. Secretaria de Estado da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Curitiba: 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza D. **A etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias Digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. **Cadernos Cedes 69** - Educação, Surdez e Inclusão Social. vol 26, n 69, p. 251 -267. São Paulo: Campinas, Cortez, maio/ago. 2006. ISSN 0101-3262.

_____. Prática de Letramento no ambiente digital. **Revista Língua Escrita**. Número 2. Dez. 2007. ISSN 1981-6847.

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BERGAMASCHI, Rosi I. e MARTINS, Ricardo V. (Org.). **Discursos Atuais sobre a Surdez**. La Salle, 1999.

BORSTEL, Clarice N. von. A sociolinguística/pragmática: em duas escolas de comunidade de etnia italiana. In: **Revista UNILETRAS**. n 26, 2004, p. 65 – 78.

_____. Os traços (Inter) lingüísticos/culturais e os parâmetros curriculares nacionais. **Línguas & Letras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. vol. 8. n. 14. Cascavel: EDUNIOESTE, 1º. sem. 2007, p.51-66. ISSN 1517-7238.

BRASIL. **Constituição** da República Federativa do Brasil: de 5 de outubro de 1988. 13 ed. São Paulo: Atlas, 1990, 304 p.

BRASIL. Decreto Federal nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 18 mar. 2010.

BRASIL. INEP. Censo Escolar, 2000. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/default.asp>>. Acesso em: 28 jan. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília, 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

BUZATO, Marcelo El Khurt. **O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira:** contribuições para a formação de professores. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2001.

BUZATO, Marcelo El Khurt. **Entre a Fronteira e a Periferia: Linguagem e Letramento na Inclusão Digital.** 2007.284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas lingüísticas.** São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto “Vozes na Escola”. **Línguas & Letras.** Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. v. 2, n. 2. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001. p. 43-65.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CORRÊA, Alamir Aquino (Org.); ASSUMPAÇÃO, Simone Souza de. et al. **Ciberespaço.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

DAMKE, Ciro. Linguagem e Ideologia. **Línguas & Letras.** Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Cascavel: EDUNIOESTE, 1992, p. 19-25.

_____. Língua em contato: o caso do alemão x português. *In:* FIUZA, A. F.; OLIVEIRA, S. R. F. de (orgs) **O Bilingüismo e seus reflexos na escolarização no oeste do Paraná.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 35-39.

DALINGHAUS, Ione V. ; PEREIRA, Maria Ceres. Língua portuguesa e o ensino num contexto fronteiriço: bi/multilinguismo. **Anais da 11ª Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários,** v. 01, Marechal Cândido Rondon. p. 159-170. 2008.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista.** Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, SEESP, 2001.

_____. Bilinguismo e Surdez. **Anais** do I Congresso de Linguística Aplicada – Universidade Estadual de Campinas. n. 14, vol III. Jul/dez 1989. ISSN 0103 – 1813.

FILK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2 ed. Brookman, 2008.

FOGGETTI, Maria Janaina. Pedacos de Literatura: Criação e crítica no Orkut. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). **Ciberespaço**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

FOUCAULT. Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2000.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves; OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. Orkut: um arquivo digital. **Revista de Letras 10**. Ano 2008. ISSN 0104-9992. Disponível: www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp. Acesso em: 08/02/2010.

FERNANDES, Sueli de Fátima (Elaboração). **Critérios diferenciados de avaliação na língua portuguesa para estudantes surdos**. Secretaria de Estado da Educação, Departamento de Educação Especial. Curitiba: 1999.

_____. **Educação Bilíngüe para surdos: trilhando caminhos para a prática pedagógica**. Curitiba: SEED, 2004.

_____. **Educação para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Tese (Doutorado em Letras). UFPR. Curitiba, 2003.

_____. Letramentos na Educação Bilíngüe para surdos. p. 117-144. In: BERBERIN, Ana Paula. et al. (Org.) **Letramento – Referências em saúde e educação**. São Paulo: Plexus, 2006.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Surdez e Tecnologias de Informação e Comunicação. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (Org.). **Cidadania, Surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003.

GALAFASSI. Flaviane. O papel do professor no aprendizado da escrita dos surdos. **Revista Aprende Brasil**. Ano 3. n. 16. Abril/maio, 2007.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. Conversação política no Orkut: Embates discursivos sobre cultura e identidade surda. In: **Anais do II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**. Belo Horizonte - MG, 2007.

GAZETA, Sônia Maria Matrocola. **A interação na Internet: a influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de gêneros discursivos**. 2000. 173f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: Campinas, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. v.1. 171p.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. Plexus, 1997.

GROSJEN, François. **Life With Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10ª. edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

KELMAN, Celeste A. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. *In*: FERNANDES, Eulália (org). **Surdez e Bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KYLE, J. O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para surdos. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidades da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 15-26.

LÉVY, Pierre. Tradução: Irineu Carlos da Costa. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LODI, Ana Claudia Balileiro et al. (Org). **Letramento e Minorias**. 2 Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcas culturais dos surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 24, n. especial, p. 81-100, jul./dez. 2006.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Rosangela de Araújo. **A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo Orkut – Um retrato da modernidade líquida**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O Falar Bilíngüe**. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.

MOURA, Maria Lourdes de. **Representações dos ouvintes sobre o desenvolvimento do estudante surdo e as implicações na/pela linguagem**. 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNIOESTE, Cascavel, 2006.

NERY, Antonio A.; PESSINI, Márcia P; PEREIRA, Maria Ceres. **A abordagem de aprender o português escrito de um aluno brasileiro alfabetizado em espanhol**. Revista Línguas e Letras, vol. 1, número 5, 1º semestre de 2008. ISSN 1517-7238.

OLIVEIRA, Gilvan Müller (org). **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos**. Campinas: SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Franciele de. (Reportagem) Diversão ou simulacro? **Revista Verbo**. Comunicação e Cultura. 2 Ed. Out. 2006. p. 23-27.

PADDEN, Carol; HUMPHRIENS, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge, Massachusetts; Londres, Harvard University Press, 2000.

PERLIN, Gladis. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.) **A Invenção da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

_____. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PEREIRA, Maria Ceres.; ANGNES, Juliane Saschner. Monolingüismo Vs Bilingüismo: Imagens e mitos. 21-34. In: FIUZA, A. F.; OLIVEIRA, S. R. F. de (orgs) **O Bilingüismo e seus reflexos na escolarização no oeste do Paraná**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p. 21-34.

PEREIRA, Maria Ceres; COSTA, Rinaldo Vitor da. Bilinguismo e opção pela segunda língua em contexto formal: uma política lingüística indefinida? **Línguas & Letras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. vol. 1. n. 1. Cascavel: EDUNIOESTE, p. 37-50, 2000.

PEREIRA, Maria Ceres; GRASSI, Dayse. Letramento em Comunidades Multilíngües - A realidade da Comunidade Surda. **Anais da 11ª Jornada Regional e 11ª jornada Nacional de Estudos Lingüísticos e Literários**. v. 01, Marechal Cândido Rondon. p. 128 - 137. 2008.

PIMENTA, N. Oficina-palestra de cultura e diversidade. **Anais do Seminário do INES**, 19 a 21 de setembro, 2001.

QUADROS, Ronice Muller. **A Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

_____. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

_____. O 'Bí' em bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália (org). **Surdez e Bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

RETTENMAIER, Miguel. Cibercultura e Literatura: um mundo por fazer? In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.); ASSUMPAÇÃO, Simone Souza de. et al. **Ciberespaço**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

SÁ, N.R.L. **A educação dos surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói:EDUFF, 1999.

SÁ. Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo Vozes**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SÁNCHEZ. Carlos. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas. CEPROSORD, 1990.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n.91, p.565-582, maio/ago, 2005. Site: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acessado: 26 de maio de 2009.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **Atualidade da Educação Bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de Pesquisa Social**. 1 ed. São Paulo: Vozes, 2004.

STROBEL, Karin Lilian. **A visão histórica da in (ex)clusão dos surdos nas escolas**. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, v. 7, n. 2, p. 244-252, jun. 2006 – ISSN 1676-2592.

_____. **As Imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

_____. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 176 f. Tese (doutorado Educação e Processos Inclusivos). UFSC, Florianópolis, 2008.

STROBEL, Karin Lilian; DIAS, Sylvania Maia Silva. **Surdez Adordagem Geral**, 1995.

WRIGLEY, Oliver, **Política da Surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Carta-convite¹¹

Medianeira, 02 de junho de 2009.

Prezada senhor (a),

Por meio deste convidamos Vossa Senhoria a participar da nossa pesquisa de Mestrado a ser desenvolvida analisando o seu Orkut. Objetivamos, com este trabalho, investigar a questão do bilingüismo, da identidade e da cultura surda, bem como da língua portuguesa escrita para os surdos.

Dessa forma buscaremos contribuir para estudos referentes ao bilingüismo, a língua portuguesa escrita e sua representação para os surdos. Com o intuito de preservar a sua identidade, manteremos sigilo quanto aos nomes. Agradecemos desde já a sua contribuição que, com certeza, será relevante para o nosso trabalho.

Atenciosamente,

Dayse Grassi

Assinatura do participante da pesquisa

¹¹ Texto traduzido em língua de sinais para os participantes da pesquisa.

ANEXOS

ANEXO 1 – Comunidades do *Orkut* - Mateus

[Pernambucanas](#) (4.297 membros)



[SBT → Oficial](#) (153.282 membros)



[Escola Amesfi](#) (17 membros)



[7º Seminário Surdez](#) (27 membros)
7º Seminário Surdez - Educação – cidadania



[MeGaByte Informatica lan house](#) (41 membros)

ANEXO 2 – Comunidades do *Orkut* - Paula



[Já tentei voltar p/mesmo sonho](#) (1.406.399 membros)



[Eu Adoro Chiclete](#) (670.516 membros)



[Já tomei banho de chuva](#) (1.555.504 membros)



[Quem não cola, ã sai da escola](#) (1.581.024 membros)



[Eu sei a tabuada do 1 !!!](#) (120.066 membros)



[Minha bagunça é organizada!](#) (1.047.304 membros)



[Pizza!](#) (310.082 membros)



[Brasil](#) (1.364.891 membros)



[Algo Meu Ficou Guardado Em Vc!](#) (146.780 membros)

ANEXO 3 – Comunidades do *Orkut* - Jonas



[LAS VEGAS](#) (7.810 membros)



[TERRA VIVA](#) (322 membros)



[Quarto de Milha](#) (60.465 membros)



[Amazônia Para Sempre'](#) (78.174 membros)



[Jaguariúna Rodeo Festival](#) (32.473 membros)



[Escola Amesfi](#) (17 membros)



[Medianeira](#) (5.361 membros)



[Mundo do Rodeio](#) (789 membros)



[Team Roping](#) (9.431 membros)



[BARRA DA SAIA® Oficial](#) (2.465 membros)



[mais vida](#) (21 membros)



[EU ACREDITO E CONFIO EM DEUS !](#) (5.391.311 membros)



[Cowboys & Cowgirls](#) (9.137 membros)

ANEXO 4 – Comunidades do *Orkut* - Luis



[Pastoral dos Surdos - Cascavel](#) (149 membros)



[RecadoFofa Imagens P/ Recados](#) (216.713 membros)



[• Não Acredito Que Eu Fiz Isso](#) (90.135 membros)



[Unila \(Comunidade Oficial\)](#) (160 membros)
Universidade Federal da Integração Latino-Americana



[X DO VANO;MTO BOM](#) (135 membros)



[Gangue do algodão doce](#) (18 membros)



[eu conheço o heberton](#) (4 membros)



[Mensagens p/ Celular - GRÁTIS!](#) (140.371 membros)



[nois adora moto](#) (2 membros)



[Eu amo/Conheço Srt. Barata ?](#) (75 membros)

ANEXO 5 – Comunidades do *Orkut* - Amanda



[Mãe, eu te amo!](#) (742.677 membros)



[EU AMO VELOCIDADE](#) (444.862 membros)



[LIBRAS - Língua de Sinais](#) (42.354 membros)

A MAIOR COMUNIDADE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DO ORKUT!

♣ A.F ♣



[Eu AMO FESTA !!!!](#) (621.552 membros)



[Eu amo meus irmãos](#)
(160.437 membros)



[Queremos Coca Cola 20 litros!!](#)
(1.480.295 membros)



[EU ADORO DAR RISADA!](#) (3.093.293 membros)



[Amo meus amigos gays e heteros](#) (892 membros)



[Eu amo Smirnoff Ice!](#) (151.143 membros)



[Eu Amo Pizza de Calabreza!!!!](#) (4.906 membros)



[ADA - Adoro Dormir Abraçado](#)
(370.763 membros)



[Eu Amo Pizza!](#) (140.173 membros)



[Surdos adoram mandar e receber](#) (449 membros)



[Eu beijo bem, duvida ? PROVA!](#) (11.061 membros)



[Eu Amo Viajar De Carro](#) (3.297 membros)



[AKITCHUNFA.COM](#) (69 membros)



[Amiga Parceira=Amiga solteira!](#) (83.645 membros)



[Não quero me explicar](#) (10.310 membros)



[Vc me odeia? Que coincidência!](#) (980.528 membros)



[Eu quero amor sem fim...](#) (748 membros)



[seu lugar, meu lugar.](#) (298 membros)



[Você tem vida? Cuida da sua!](#) (785 membros)

ANEXO 6 – Comunidades do *Orkut* - Vinícius



[Arquitetura e Urbanismo](#) (34.678 membros)



[Odeio Falsidade](#) (306.380 membros)



[Haagen-Dazs Lovers](#) (15.123 membros)



[Orgulhosa\(o\) Sim e Daí ?](#) (103.868 membros)



[O Que Está Havendo C/ o MUNDO?](#)
(963.627 membros)



[As magras são TUDO de bom!](#) (45.815 membros)



[Eu Amo Viajar](#) (700.724 membros)



[Deus... Eu te amo de coração!!](#) (5.640 membros)



[Eu Gosto de Estudar](#) (62.135 membros)



[EU ADORO DAR RISADA!](#) (3.118.815 membros)



[Pareço metida\(o\) mas sou legal](#)
(1.018.353 membros)



[Eu amo suco de fruta!](#) (58.413 membros)



[Eu amo minha Família !](#) (1.504.937 membros)



[Eu amo salada!](#) (46.936 membros)



[Eu Amo e Acredito em Deus!](#)
(2.210.454 membros)



[Arquitetura FAG 2007/2011](#) (28 membros)



[EU AMO DEUS](#) (133.478 membros)



[Letras/Libras - UFPR](#) (50 membros)



[Vou ser feliz e já volto!!!](#) (77.877 membros)



[ES - LETRAS/LIBRAS](#) (31 membros)



[LETRAS / LIBRAS](#) (1.522 membros)



[PÓS EDUCAÇÃO BILÍNGUE/SURDOS](#)
(17 membros)

ANEXO 7 – Postagens/narrativas no *Orkut* - Mateus

18 de junho de 2009.

Oii Dayse

Tudo bem, com vc?

Mas q sim, seempre pra trabalho loja pernambucanas, não Férias passo pra ano 2010 Janeiro é Férias!

;D

Pooiis, vou responder pra vc!

Eu acho, q sim otimo sim entendi Bilingue, mas q mais é dificil diferente portugues, palavras profundo eu naum saber bem, mas, acho eu ser pessoa bilingue é isso!

Podee, mais q vc responda pra mim!

atemaIS

Ate, otimo Fim de Semana!

BeijjO!

Ficar c Deus!

17 junho de 2009

naoo, sou nao bilíngüe

éq lingua libras

30 de maio de 2009

Olá PessoaS!

AtençãO!

→ **1:** *LeR*

→ **2:** *RespondaR pra vCs*

→ **3:** *ApagaR*

PrazeR ObrigadO!

12 jul 2008

Td bem!

É meu CELULAR nome é K550i esta perdeu...Q pessoas ROUBA...Eu esta MTO TRISTE...Pedir AJUDA encontrar mim CELULAR K550i se Q pessoas encontrar consegui CELULAR K550i eu tem vai Ganhou Paga R\$ 150,00 Q pessoas encontrar é igual OLHO foto CELULAR K550i ok...ATENÇÃO PEDIR INFORMAR AJUDA...



Obrigado!!! PEDIR INFORMAR PESSOAS AJUDA!

Oi Td Bem?

Td pessoas Responda!!!

*Resolvi esse **Teste de Inteligência** e acho que você consegue resolver também...*

É bem simples! Basta pensar um pouco, por exemplo:

24 H em um D: 24 horas em um dia

101 D: 101 dálmatas

12 M em um A: 12 M???? em um A?? <<<- Conseguiu imaginar esse?

7 abril 2008

Oie !

;D

eu est mto ótimo com vc...

o/

^^

adoro legal seminário...mas um pouco eu mto mesmo BATER PAPO grupo mim amigos(as)...

:'(

:'(

Diretora fica BRAVA mim...

pq eu mas nao ver seminário...eu fala fazer quaquer eu vou so mesmo BATER PAPO...

:P

Drogaaaaaaaaaaaaa;...

T+

*bjos;****

7 abril 2008

oie!

te add;...

;D

T+

15 jan 2008

:D

td bem e com vc?

eu est mto otimo com vc

\o/

^^

meu emprego loja pernambucanas é mto otimo...

mro legal...grupo trabalho pessoas mto piada...qlegal...

eu est mto feliz...

eu tem adoro meu trabalho Loja pernambucanas eu mto trabalho

arrumar p/roupae tbm ajuda p/ ELETRO e tbm arruma roupa p/ artigos troca oferta...

eu est mto ja cansado...

:(

mas sem problema..é bem meu trabalho proprio meu vida...

;)

T+

SE CUIDA COM DEUS!

bjos

31 de dezembro de 2008

.....|_____|...**Feliz pra vc!!!!**

.....|000|...

.....|000|...

.....|000|... **feliz 2009!!!**

.....|000|... **Que σ αισ ιονσ δε 2009**

.....\00/... **σεα ηερλετσ δε**

.....\0/... **saúde e paz !!**

.....| |..... **TIM...TIM...**

.....| |.....

.....| |.....

.....|_|.....**bças festas !!!**

ANEXO 8 – Postagens/narrativas no *Orkut* - Paula

18 de junho de 2009

eu to msn on !

vc tem msn ?

18 de junho de 2009

AH , só por isso namorado ... tbn amigos . eu to triste .

18 de junho de 2009

aah tem vai mondrono dia 19 , ah tava festa junina cidade FRANCISCO BELTRÃO -PR PASTORAL DOS SURDOS .

sem data – msg em perfil na semana de 15 de junho

to tristeza ! =x

18 junho de 2009-06-18

Oiee , onde festa junina ? beeiijo saudade dmaaaais

16 junho de 2009

ver , apagar e escrever . ok ?

14 junho de 2009

...

Oiee , ssim to beem ;) , foi bem a escola ... ja era começa ESTAGIO.

TBM SAUDADE !

BEEEEIJO ;**

26 abril 2009

Oiee dayse .

td , vc ?

sim , pq sou língua de sinais e português.porque libras é minha lingua materna e portugues é minha

segunda lingua.
na CULTURA SURDA..primeiro IMPORTANTE eh LIBRAS segundo lingua eh PORTUGUES ,
entendeu ?

beeijo querida

23 out 2008

oiee saudadis !
sim trabalho e estudar !
beijooo
.***
;

14 dez 2007

oieeeeeeeeeeeeeee
aah feiras ta booom .
ei eu passou ? ou nao ?
por favor falou de mim .

bjus
te amo

14 dez 2007

aah mtoooooo obrigada ^^mas eu mtoo feeeeliz =D
nao ainda fui maringa .

mas nao sei vou mes janeiro , maringa .

te amooooo
bjs

ANEXO 9 – Postagens/narrativas no *Orkut* - Jonas

25 abril de 2009

Bao vo te explicá !!!

Eu até me considero ser uma pessoa bilingue, porque eu falo duas linguas, ou seja, Português e lingua em Libras.....

Bao achu ki to pra mas pra trilingue nu´ée??

Porke agoa to kuase flandu em inglês, kuandu vai pras provas por awe ou entaum pru um pais estrangeiro daí tem ki fla em inglês né!!!POis é

to pegandu o dilema dus cowboys daki!!!!

Hushauhsuahsuahsuahsuah!!

Bao fiz a resposta né!

Mas e vc como está?

E a grazi!!!?

Bao domingu hew, abraços pra todos aí!!!

beijus!!!

06 de out 2008

Aowww deyse!!!

Baum!!!

Hew eu keria te ver mas a grazi nu deixo naum !!!

Se acredita !!!!

pois é nu deu pra euy ir aí te visitar, e dar um abraços!!!

Agoa to partindu di vorta pra São Paulo!!

Mas óó boa sorte em tudu viu!!

Fica cum Deus!!

e firme!!!

Abraços e beijos!!!

Ah e mas naum dexo nem eu ver o fio delao muirilo, mas ki cosa hew!!!

Kkkkkkkkkk!!!

06 de out 2008

Bem!!Na escola vou bem,mas estou com duas notas vermelhas neste segundo trimestre.Mas não foi nada não.´E só duas, épouco.Falou!!!

06 de out 2008

Ah!!!Bem eu posso até ser esse tipo de pessoa, mais uma coisa que eu não gosto é inglês.Pior então é a prof. que só fala inglês,nossa que sacrificio para os surdos.Mas que bom que vc está fazendo esse curso, alias vc é uma pessoa que gosta de conhecer tudo , ou seja, tem muita vontade de conhecer outras coisas.Bem espero que a gente possa nos mandar recados.Um abraço.....

06 de out 2008

Oie!!!Tudo bem?Bem eu estava trabalhando na Amesfi e agora fui transferido para trabalhar na loja Pernanbucanas.Pois é, é um atristeza mudar de um lugar para outro, pois eu gosto muito da amesfi do trabalho que eu lhe faço.Mas infelizmente não deu.Mas ta bom.Pelo meno seu tenho um emprego bom.E vc como está.Pensei que vc não estivesse mais orkut e derepante vc me manda o recado.Mas que bom que vc tem orkut, assim fica mais fácil para podermos nos comunicar.

06 de out 2008

Ole!!É verdade!!!Eu decidir vir pra São Paulo e morar aqui , mas eu vou morar junto com a minha irmã.E vou estudar aqui e também em busca de um sonho.Bom,Quero dizer também que vc foi minha melhor intérprete ,e agradecer por tudo que vc fez por mim e por surdos.Afinal vc é uma pessoa muito legal.Valeu heiw!!!Obrigado por tudo.Bjos e abraços

06 de out 2008

Ah!!!Muito obrigado por lembrar o dia do Surdo!Afinal foi bom o dia do surdo.E o trabalho vai bem,Mas eu estou gostando.Abração!!!!

15 de agosto de 2008

A ssi po de xa ki o trem aki é sistematico !!
So cowboy brutu !!! e sistematico !!aki o trem sabe!!
hehehe!!

15 de agosto de 2008

Oxe!!
to bem!!
Só estudandu muito!!Má logu vo tá termiandu!!
Farta ainda mais 4 materias!!Dai terminu tudo!!
To joia!!Só a saudade ki nu caba mais né!!!
i u ce nu vai casar naum , trabaiandu ainda nu cefet??

15 de agosto de 2008

Sabe como é!!
Como sempre saudades!!
i u ce como ki tá?
Abraços viu!!te adoro!
Fica cum Deus!!
Ahh manda abraço pra grassi !!
Bjus!!

15 de agosto de 2008

Ω Vivo aqui neste sertão Meu patrão aqui sou eu Aqui eu tenho de tudo Presente que Deus me deu
Madrugada o galo canta e a gente já levanta Pra fazer a obrigação Todos juntos num sorriso
Fazemos o que é preciso Com grande satisfação Eu nasci aqui Aqui vou morrer Eu sou sertaneja e
tenho orgulho em dizer Tudo aqui é muito simples Diferente da cidade Mas a nossa alimentação pe
da melhor qualidade Remédio aqui são as plantas Bebemos água da fonte que nasce do pé da serra
Comemos o que plantamos Com as nossas próprias mãos Nessa abençoada terra Ω

18 de junho de 2008

"To chegano na festa abra espaço pra eu passar, quando eu toco meu berrante, faço todo mundo arrepia, quando eu entro num bailão num deixo ninguém parar, eu vou pro Barretão, pq lá é meu lugar!!!"

30 de abril de 2008

Aoooo!!!

Passei aki pra te dexa um disafio.

me descreva em

uma só palavra. Mande a palavra para COWBOY, somenti para o COWBOY. Clique em responder e escreva apenas uma palavra que te faça o ce lembrar de mim!!!

Dipois, mande esta mensagem para seus amigos e veja como

é estranhu e interessanti o que as pessoas falam sobre você. É muito

legal saber o que pensam seus amigos a seu respeito em apenas uma

palavinha... é mole??? O jogo começa agoa minha genti!!! Não é tão fácil como

o ce pensa!!! Te aguardu!!!!

24 janeiro de 2008

Bem eu to bem!!!

E eu vou estudar num colégio, mas eu não sei o nome,mas prometo que assim que eu souber te aviso.

Pois é eu tenho que fazer faculdade,mas ainda não sei,mas se Deus quiser eu faço e ainda me formo.

EE Obrigado por torcer por mim.

E um grande abraço pra vc!!!!

ANEXO 11 – Postagens/narrativas no Orkut - Amanda

19 de junho de 2009

pode entra curiosa meu orkut livre ehehehehe...
bjos

13 julho

☺%#@\$\$*:

pq, esse biligüe é uma lingua...por exemplo: ouvinte escreve portugues troca libras proprio surdos,
é um proprio comunicação libras.
bjos

18 de junho

oiii lembrou hehehee... como vc esta??? me conta novidade hehehehe... eu to bem, trab e estuda
vixxxx...heheheh... bjos saudade...

19 de junho

☺%#@\$\$*:

pode entra curiosa meu orkut livre ehehehehe...
bjos

19 de junho

☺%#@\$\$*:

oii querida...
que bom vc estuda mestrado, eu estudo faculdade letras libras vixxx é mto dificil...uma vez por
mês ir faculdade dourados é sabado e domingo...mas tem estuda casa computador todo dia igual
presente aula é computador nao é facil..mas eu preciso estuda pra trab né. dayse hehehe...
bjos

26 de junho

☺%#@\$\$*:

oii querida. plo descul demora. eu quase nao entra orkut só mais uso msn ehheheheeh... eu nao
entendi o que é biligüe??? como é??
bjos

ANEXO 12 – Postagens/narrativas no *Orkut* - Vinicius

30 de julho

Oi, bom dia! Desculpe pelo demorando a resposta, por causa eu raramente uso orkut, rrsrs...

Q bom vc me perguntou sobre você se considera uma pessoa bilingue? Por quê?...

E verdade maioria pessoa dificuldade para bilingue, sabe pq escrever proprio jeito de Surdos, tbem lingua portuguesa dentro Libras, Surdos diferença ouvinte, por isso problema base da Lingua Portuguesa, antes maioria problema dificuldade aprendizagem uso da lingua, agora novo msn, orkut, e-mail vao capazes aprender bilingue desenvolvimento bem conhecimento da base...

Abraços...